


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

NATÁLIA SOUZA NOGUEIRA

O JOVEM E O “FICAR” À LUZ DA TEORIA BOURDIANA



ARARAQUARA – S.P.
2015

NATÁLIA SOUZA NOGUEIRA

O JOVEM E O “FICAR” À LUZ DA TEORIA BOURDIANA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de Pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti

ARARAQUARA – S.P.
2015

Nogueira, Natália
O jovem e o "\"ficar\" à luz da teoria Bourdiana /
Natália Nogueira – 2015
79 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Luci Regina Muzzeti

1. Relações amorosas. 2. Jovem. 3. Trajetória de vida.
4. Habitus. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NATÁLIA SOUZA NOGUEIRA

O JOVEM E O “FICAR” À LUZ DA TEORIA BOURDIANA

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de Pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti

Data da defesa: 28/08/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti
Universidade Estadual Paulista CAR

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Universidade Estadual Paulista CAR

Membro Titular: Profa. Dra. Flávia Baccin Fiorante Inforsato
Faculdades Integradas Einstein de Limeira

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais, José (in memoriam) e Cleide, pelo amor incondicional, confiança e apoio em todos os momentos de minha vida.

À minha irmã, pela amizade e companheirismo ao longo de todos esses anos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai José (in memoriam) que sempre me incentivou a buscar novos conhecimentos, ser independente e concretizar meus sonhos.

À minha mãe Cleide que esteve ao meu lado apoiando-me em todos os momentos de dificuldades e conquistas. Obrigada por compartilhar cada momento comigo durante a concretização desse sonho.

À minha irmã Naiara que me incentivou durante todo o percurso, me acolheu nos momentos difíceis e comemorou as minhas conquistas. Agradeço a parceria nos trabalhos que escrevemos juntas.

À minha orientadora, Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti, que me concedeu a oportunidade e acreditou no meu potencial e no projeto de pesquisa. Agradeço todo o ensinamento durante o desvelar dessa pesquisa.

Aos professores Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Fátima Elisabeth Denari e Flávia Baccin Fiorante Inforsato pelas orientações preciosas que ajudaram a aprimorar essa pesquisa.

À minha amiga Adriana Rodrigues Zocca pelo companheirismo e parceria desde que nos conhecemos, no processo seletivo do mestrado.

Aos meus amigos Daniela Arroyo Fávero Moreira, Karina Nonato Fernandes, Andréia Serrano Cayres Repatão e Alex Eduardo Lemos por compartilharem comigo momentos de apoio, aprendizado e parcerias.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar e Educação Sexual pela transmissão de conhecimentos essenciais para a minha formação.

Aos funcionários da UNESP pelas gentilezas quando eu precisei.

“Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível”.

Zygmunt Bauman (2004, p.21)

RESUMO

Na atualidade destaca-se o modo com que as pessoas vivenciam suas relações amorosas, entre elas o "ficar", que é caracterizado pela curta duração de tempo, a falta de compromisso, e o envolvimento com vários parceiros. Nesse contexto, esta pesquisa teve por objetivo investigar o "ficar" por meio do *habitus* e da trajetória de vida dos jovens. A metodologia é qualitativa, cuja técnica principal de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada; para tanto, foram entrevistados jovens entre 18 e 30 anos de idade, de ambos os gêneros, graduandos do curso de Pedagogia de uma Universidade Pública no interior do Estado de São Paulo. Ademais, o referencial teórico de Pierre Bourdieu deu luz à interpretação dos dados obtidos. Quanto aos resultados da pesquisa, esses revelam certa regularidade na trajetória dos jovens quando o assunto abordado é sexualidade e educação sexual, pois os mesmos admitiram receber instruções pontuais sobre esses assuntos nas agências de socialização: família e escola. No âmbito do "ficar", os resultados mostram que para os jovens esta é uma relação de curto prazo, sem vínculos e compromisso, sendo representado desde o ato de beijar até um estado pré-namoro. Como conclusão, verifica-se que não faz parte do *habitus* da família e da escola discorrer sobre a sexualidade e a educação sexual, pois ainda é um processo difícil e custoso para os agentes envolvidos. Sobre o "ficar", os jovens entrevistados descrevem que faz parte do seu *habitus*, a vivência dessa relação e a das pessoas que integram seu convívio social.

Palavras-chave: Relações amorosas. Jovem. Trajetória de vida. *Habitus*.

ABSTRACT

Nowadays stands out the way in which people experience their love relationships, including the "hook up", which has as main characteristics the short time, the lack of commitment, and the engagement with several partners. In this context, this research aimed to investigate the "hook up", through the *habitus* and the trajectory of life of young people. The methodology is qualitative whose main technique for data collection was semi-structured interview. Therefore, young people were interviewed from 18 and 30 years old, both genders, graduate of the pedagogy course at a public university in the state of São Paulo. Furthermore, the theoretical reference of Pierre Bourdieu gave birth to interpretation of data obtained. About the results of the research, these reveal some regularity in the trajectory of young people when the subject is sexuality and sexual education, because young people admitted receiving specific instructions on these subjects in the socialization agents (family and school). In the framework "hook up", the results show that for young people this is a short relationship, without ties and commitment, it has been represented since the act of kissing to a pre-dating status. In conclusion, it is found that it isn't part of the family and school *habitus* to discuss about sexuality and sexual education, because it is a difficult and costly process for those involved. About "hook up", the young people interviewed describe that it is part of their *habitus* the experience of this relationship and the people in your social life.

Keywords: Love relations. Young people. Trajectory of life. *Habitus*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEPAL	Comissão Econômica das Nações Unidas Para a América Latina
DST	Doença Sexualmente Transmissível
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ETA	Escala Tetrangular do Amor
ITES	Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior
NUSEX	Núcleo de Estudos da Sexualidade
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
OIJ	Organización Iberoamericana de Juventud
OMS	Organização Mundial da Saúde

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	10
1 SEXUALIDADE, O “FICAR” E O JOVEM: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS.....	13
1.1 Sexualidade.....	13
1.2 O Jovem.....	16
1.3 Relações amorosas e o “ficar”.....	18
2 O REFERENCIAL TEÓRICO: PIERRE BOURDIEU.....	26
2.1 <i>Habitus</i>	26
2.2 Trajetória e espaço social.....	27
2.3 Capital econômico, cultural e social.....	28
2.4 Estratégias matrimoniais.....	29
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	31
3.1 Método.....	31
3.1.1 Amostra.....	31
3.1.2 Instrumentos de coleta de dados.....	31
3.3 Análise dos dados.....	32
3.4 Procedimento Ético.....	33
4 O “FICAR” NAS CONCEPÇÕES DOS JOVENS.....	34
4.1 Família e educação sexual.....	36
4.2 Escola, universidade e educação sexual.....	39
4.3 Os significados de sexualidade e educação sexual para os jovens.....	45
4.4 O “ficar” e suas representações.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICES.....	70
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	71
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	73
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	74
APÊNDICE D – Tabela 1 - Percurso escolar dos universitários do curso de Pedagogia.....	75
APÊNDICE E – Tabela 2 - Escolaridade dos pais dos universitários.....	76
APÊNDICE F – Tabela 3 - Renda Familiar dos Estudantes.....	77
APÊNDICE G – Tabela 4 - Religião que o jovem pratica.....	78
APÊNDICE H – Tabela 5 - Quantos “ficantes” os universitários tiveram nos últimos 12 meses.....	79

APRESENTAÇÃO

Formei-me em Psicologia pelo Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior Dr. Aristides de Carvalho Schlobach, ITES, no ano de 2010. Entre 2008 e 2010, fiz estágio extracurricular no Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, na cidade de Matão-SP, e ampliei meus conhecimentos sobre saúde mental. Em 2009 fiz estágio extracurricular supervisionado na Área de Orientação Vocacional, desenvolvendo atividades de atendimento em grupo, por meio de técnicas projetivas, dramatizações e pesquisas sobre as profissões. Esse contato com os jovens me motivou a ser psicóloga voluntária do Cursinho Pré-Vestibular, Grupo Pró-Estudar em Matão-SP, entre 2012 e 2014, exercendo o trabalho de Orientação Vocacional com o grupo de jovens.

A experiência acadêmica foi única em minha vida, na qual tive a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e conhecer pessoas especiais que me apoiaram em meu desenvolvimento pessoal e profissional. Experimentei distintos encontros desde o início do curso, os quais não se restringiram apenas às atividades exigidas pelo currículo da academia, mas que me mostraram a relevância da minha formação para a sociedade atual.

Sobre o primeiro contato com a área da sexualidade, o mesmo ocorreu em 2006, por meio da participação no minicurso Eros e Thanatus: os paradoxos da sexualidade na adolescência e na terceira idade, atividade realizada na Semana Cultural do ITES. Por conseguinte, em 2007, ao cursar a disciplina de Etologia, iniciei o desenvolvimento de uma investigação que resultou no seguinte tema: Infidelidade amorosa: da busca da realização de uma vida em comum à desilusão da separação.

Nesse momento, meu olhar se voltou à investigação científica e dei início à minha experiência de pesquisa na área da sexualidade. Dessa forma, em 2008, na disciplina de Psicologia Social, desenvolvi juntamente com duas colegas um trabalho que procurava desvelar os significados que os adolescentes entre 15 e 17 anos de idade atribuíam ao contexto do relacionamento amoroso conhecido como o “ficar”. Nessa pesquisa, fomos instigadas a entender como essa nova forma de relação amorosa é praticada pelos jovens atualmente e os significados que os mesmos atribuem a ela.

Ao término da graduação em 2010 e por meio de uma amiga e profissional da área da Psicologia soube do grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos da Sexualidade – NUSEX, no campo da sexualidade humana e da educação sexual que está instalado na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP em Araraquara-SP. Foi assim que dei continuidade à minha trajetória na área da sexualidade por meio da participação no Grupo de Estudos do NUSEX e

em disciplinas como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar no decorrer de 2012.

Ingressei em 2013 como aluna regular no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, quando novos conhecimentos e amizades foram concretizados. Na linha de pesquisa, Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade, busquei inicialmente investigar a respeito dos comportamentos e valores sexuais atribuídos ao relacionamento amoroso “ficar” no vivenciar de adolescentes e jovens. Esse tema já havia me chamado a atenção ainda na graduação em Psicologia, como foi citado anteriormente, porque os jovens na atualidade vivenciam novas práticas amorosas, e dessa forma, gostaria de aprofundar o meu conhecimento sobre essa vivência.

Esta pesquisa tem como fundamentação teórica Pierre Bourdieu. O estudo das suas principais obras, durante a Pós-Graduação, foi relevante para conhecer suas concepções e embasar a análise dos dados. Os conceitos como capital cultural, econômico, social, trajetória de vida, *habitus*, entres outros, proporcionaram-me fundamentar a análise sociológica do objeto de pesquisa.

O “ficar” estabeleceu uma nova expressão de relacionamento amoroso e, resumidamente, pode ser compreendido como um relacionamento de modo descompromissado e sem planos de continuidade, no qual se vivencia sensações e emoções, podendo representar apenas um breve contato com o parceiro (a), ou até mesmo ser um precedente para o início de um relacionamento sério.

Como justificativa da pesquisa é possível observar que, na atualidade, o “ficar” revela importantes aspectos socioculturais, históricos, psíquicos e subjetivos dos sujeitos. Acerca dessa relação e dos significados atribuídos a esta nova concepção, se procura hipóteses sobre os critérios de escolha estabelecidos pelos ficantes de ambos os gêneros com *habitus* e trajetórias diferentes. A decisão de optar por limitar os sujeitos de pesquisa para jovens entre 18 e 30 anos de idade se deu pelo fato de que, na atualidade, o “ficar” também é hábito predominante entre os jovens, além dos adolescentes. Sendo assim, esta investigação possibilitará a compreensão deste fenômeno social proporcionando, para pesquisadores e profissionais da área de Educação e de Saúde, subsídios para compreender o “ficar” na prática de jovens, e não somente de adolescentes, como a literatura especializada ainda o considera.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar junto a jovens universitários o que eles entendem e como interpretam o “ficar” enquanto relacionamento amoroso. Por objetivos específicos, pretende-se analisar as características que permeiam o “ficar” para os jovens e verificar se elas se diferenciam daquelas apresentadas pelos adolescentes a partir do *habitus* e

da trajetória de vida dos participantes.

A organização da dissertação acontece pelas seguintes seções:

SEÇÃO 1: Sexualidade, o “ficar” e o jovem: considerações sobre as relações afetivo-sexuais.

Será apresentada a revisão da literatura sobre a sexualidade e o “ficar”, a fim de discutir as mudanças ocorridas nas práticas vivenciadas pelos jovens ao longo dos anos.

SEÇÃO 2: O referencial teórico de Pierre Bourdieu

As concepções teóricas de Pierre Bourdieu serão apresentadas com o objetivo de conceituar a análise sociológica do objeto de pesquisa, o “ficar” na concepção dos jovens.

SEÇÃO 3: Percurso metodológico

Nessa seção será descrito o método praxiológico de Pierre Bourdieu.

SEÇÃO 4: O “ficar” nas concepções dos jovens

Os resultados das entrevistas com jovens universitários serão apresentados a fim de compreender os significados do “ficar” para os participantes da pesquisa por meio da trajetória de vida e do *habitus*.

SEÇÃO 5: Considerações finais

As considerações finais conterão uma síntese da análise sociológica obtida a partir dos resultados encontrados sobre o “ficar” nas concepções dos jovens.

1 SEXUALIDADE, O “FICAR” E O JOVEM: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS

“A reflexão crítica sobre o amor e a sexualidade continua constituindo uma arte de viver” (Catonné, 2001).

Considerando que as relações afetivo-sexuais perpassam questões de sexualidade, esta primeira seção do trabalho traz uma discussão baseada nos conceitos referentes à sexualidade, ao jovem e ao “ficar”. Sendo assim, procurou-se elucidar a dinâmica das relações dos jovens a fim de proporcionar reflexões pertinentes com os objetivos desta pesquisa.

1.1 Sexualidade

Inicialmente é importante diferenciar os conceitos de sexo e sexualidade antes de abordar o comportamento afetivo-sexual na atualidade. Referindo-se ao termo sexo, sobre a ótica do senso comum, este está interligado ao biológico e à procriação dos seres vivos, podendo o conceito de sexualidade, por ser abrangente, confundir-se com a dimensão biológica (Nunes, 2011). As práticas do sexo podem estar interligadas, ainda, ao prazer, ao desejo e ao poder (Garton, 2009).

A atividade sexual humana não implica somente no esforço reprodutivo, mas também na necessidade de controle da reprodução humana pela sua capacidade. Foi apenas na metade do século XIX que a palavra sexo começou a ser escrita e falada com maior abertura, saindo do âmbito do pecado para o da condição humana. Neste período, o teórico Sigmund Freud, que teve por objetivo ajudar o ser humano a desvelar o autoconhecimento, propôs conceitos que levassem o homem a ter uma vida melhor (Cabral, 1999). Portanto, um dos marcos do século XX é a Psicanálise; Freud foi o principal representante e fundador do modelo psicanalítico que teve como objeto de estudo a mente humana. Para a Psicanálise, a sexualidade consiste na evolução de todas as ligações afetivas que são estabelecidas desde o nascimento até a sexualidade genital adulta, e a libido é a energia que mobiliza o organismo na busca por seus objetivos (Fiori, 1981).

Em relação às questões de procriação, Catonné (2001) diz que se pode ter relações sexuais sem visar à procriação desde antes da era moderna da contracepção, porém hoje as duas noções estão completamente separadas. O acesso aos métodos anticoncepcionais torna possível para cada pessoa a livre escolha quanto ao nascimento e o número de filhos. Além disso, permite-se também procriar sem o ato sexual. Por conseguinte, como observa

Gregersen (1983), cada cultura produz suas ideias sobre sexo. As peculiaridades de uma, podem não ser necessariamente naturais em outra, a exemplo da poligamia. As percepções sobre o sexo e a maneira como os indivíduos se comportam divergem e mostram acentuadas diferenças, ainda, dentro de uma mesma sociedade, dentro da mesma classe social, ou de uma classe social para outra.

Em relação à sexualidade, Figueiró (2006a) diz que essa “inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade [...]” (p.2). De acordo com a autora, a sexualidade abarca também os valores e normas morais de cada cultura. Em continuidade, Garton (2009) coloca que a sexualidade se refere aos modos como as práticas sexuais são transformadas em significantes de identidade social, manifestando-se de forma diferente em cada indivíduo.

Segundo Maia e Ribeiro (2011), o conceito de sexualidade é amplo e histórico, e cada cultura possui suas diferentes formas de representação. Os aspectos biológicos, psicológicos e sociais compõem a sexualidade humana e se expressam de maneira única em cada ser humano, sendo apreendidos no processo de socialização desde o nascimento (Maia & Ribeiro, 2011).

Nunes (2011) diz que a sexualidade é o conjunto de saberes, práticas e representações que envolvem a dimensão sexual humana, coletiva e política a partir do século XVIII. Antes desse período, não havia uma circunscrição demarcada sobre sexualidade, esses referenciais estavam intimamente articulados na religião e na moral. Diante disso, a sexualidade significaria uma qualidade do sexo, dimensão qualificante da definição instintivo-biológica estreita.

Ainda sobre sexualidade, Louro (2001, p.11) compreende que o termo “[...] envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções...Processos profundamente culturais e plurais”, onde os corpos ganham sentido socialmente, e cada cultura constrói suas características específicas. A autora coloca, ainda, que as formas de expressão dos desejos e dos prazeres são estabelecidas socialmente.

Affonso e Ribeiro (2006) acrescentam que a análise da sexualidade emerge como um conceito amplo que abrange as manifestações dos impulsos sexuais biológicos e sociais como o desejo, a busca do objeto de desejo, as representações do sexo e o imaginário popular. Loyola (1999) ressalta que os estudos acerca da sexualidade aumentaram em decorrência do surgimento da AIDS na década de 1980, no âmbito da medicina preventiva. E pode ser abordada:

[...] em relação à família, ao parentesco, ao casamento e à aliança como constitutiva e, ao mesmo tempo, perturbadora da ordem social (antropologia e sociologia). Ela pode ser abordada, ainda, como constitutiva da subjetividade e/ou da identidade individual (psicanálise) e social (história e ciências sociais em geral); como representação (antropologia) ou como desejo (psicanálise); como um problema biológico/genético (medicina); ou ainda como um problema político e moral (sociologia, filosofia) ou, mas direta e simplesmente, como atividade sexual [...] (Loyola, 1999, p.32).

Sobre o contexto das relações amorosas e conjugais ao longo da história da humanidade, Cabral (1999) diz que o ser humano sempre buscou “organizar” os relacionamentos afetivos e sexuais pautando as explicações ora na natureza, ora na afirmação da vontade de Deus e ora na razão pura do homem. Para a autora, essas três formas separadas ou interligadas aparecem na sociedade contemporânea para justificar ou condenar as relações sexuais humanas.

Segundo Bozon (2004), nos comportamentos sexuais das pessoas, as práticas, os relacionamentos e os significados estão enraizados nos cenários das experiências da sexualidade dominantes em suas respectivas sociedades. Os fatores que contribuem para modelar a experiência da sexualidade de modo diferenciado de acordo com os grupos sociais são inúmeros, a exemplo da religião, das condições de vida e das redes de sociabilidade.

Nas palavras de Costa (1998), “sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe, ‘raça’, religião ou posição econômico-social que limitam o rol dos que ‘merecem ser amados’.” (p.17).

A sociedade moderna sofreu mudanças no âmbito emocional ao longo do tempo e, na atualidade, a sexualidade proporciona o desenvolvimento de estilos de vida bastante variados, na qual cada um de nós tem ou cultiva. A sexualidade não se trata mais de uma condição natural que uma pessoa aceita como um estado de coisas preestabelecido, mas funciona como um aspecto maleável do eu, conexão primária entre o corpo, a autoindentidade e as normas sociais (Giddens, 1993).

Giddens (1993) acrescenta, ainda, o conceito de sexualidade plástica, que liberta a sexualidade das necessidades de reprodução, ou seja, a separação entre sexo e reprodução, principalmente em decorrência do desenvolvimento dos métodos contraceptivos criados a partir do século XX. Ou seja:

A emergência do que eu chamo de sexualidade plástica é crucial para a emancipação implícita no relacionamento puro, assim como para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. A sexualidade plástica é a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Tem as suas origens na tendência, iniciada no final do século XVIII, à limitação rigorosa da

dimensão da família; mas torna-se mais tarde mais desenvolvida como resultado da difusão da contraceção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. A sexualidade plástica pode ser caracterizada como um traço da personalidade e, desse modo, está intrinsecamente vinculada ao eu. Ao mesmo tempo, em princípio, liberta a sexualidade da regra do falo, da importância jactanciosa da experiência sexual masculina. (Giddens, 1993, p.10).

Em resumo, a partir da literatura abordada, percebe-se que a definição de sexualidade engloba diversos aspectos, desde a reprodução, até ser encarada de maneira mais descentralizada e moderna, como cita Giddens (1993). Entretanto, o que caracterizará um conjunto de conceitos sobre sexualidade dependerá da sociedade na qual se está inserido.

1.2 O Jovem

A definição de adolescente e/ou jovem está relacionada a diversos pontos de partida. Na modernidade, esse período pode se alongar e depende, por exemplo, da trajetória de vida do jovem, do período de término dos estudos, da saída da casa dos pais ou da forma de apropriação do capital econômico, social e cultural.

Diante disso, torna-se importante no âmbito desta pesquisa, definir os limites cronológicos da adolescência. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 1990, esse período corresponde à faixa etária de 12 a 18 anos de idade e, em casos excepcionais, estende-se até os 21 anos de idade; já para a Organização Mundial da Saúde – OMS (1986), esse período é designado entre os 10 e 20 anos de idade. Sobre a definição de limites de faixa etária, o informe da Comissão Econômica das Nações Unidas Para a América Latina e a Organización Iberoamericana de la Juventud (2004) informa sobre a dificuldade de se empregar uma limitação universal, pois:

[...] pese al creciente desarrollo de estudios sobre identidad juvenil y de su paulatina incorporación a las políticas de juventud, todavía resulta una tarea compleja, tanto para el mundo académico como para los gobiernos, delimitar una categoría de juventud que permita establecer cuáles son los límites de esta etapa de la vida y cómo visibilizar sus particularidades sociohistóricas y necesidades. (CEPAL & OIJ, 2004, p.209).

Segundo as palavras de Abramo (2005), a juventude pode ser definida a partir de diferentes aspectos, sendo eles a faixa etária, o período de vida, um contingente populacional, uma categoria social ou até uma geração. E todas essas definições se vinculam de alguma maneira à fase de ciclo vital entre a infância e a maturidade.

Nesse sentido, Catani e Gilioli (2008) dizem que não existe uma juventude e uma cultura juvenil, mas, sim, várias juventudes que se diferem de acordo com as condições sociais e históricas específicas. Algumas definições possíveis para caracterizar a juventude seriam a faixa etária, a determinação da maturidade/imaturidade de cada pessoa, os critérios

socioeconômicos, o estado de espírito, o estilo de vida ou o setor da cultura. Ainda segundo os autores, “[...] para a sociedade, o desafio é definir o jovem, enquanto para o jovem é definir-se diante de si próprio, de seus pares e perante a sociedade.” (Catani & Gilioli, p.12). É necessário desmistificar como categoria apenas natural e biológica a juventude, enquanto ela é, sobretudo, uma construção social que varia mediante as diferenças culturais e no interior de cada cultura (Catani & Gilioli, 2008).

Para Wüsthof (1998), as pessoas não se tornam adultas de uma hora para outra; esse processo acontece aos poucos durante toda a adolescência. Determinar um período, nesse caso, seria muito simplista, tendo em vista que o processo compreende todo o tempo necessário para a criança se transformar em adulto, tanto no aspecto biológico quanto no psíquico e social. A conquista da autonomia acontece quando o jovem não depender mais dos seus pais, pois enquanto isso durar, não terá concluído a adolescência.

Arnett (2000) propôs o termo *emerging adulthood* para designar uma nova concepção do desenvolvimento para o período entre os 18 e 25 anos de idade, tempo correspondente ao final da adolescência e início da vida adulta. É o momento em que os jovens obtêm o nível de educação que estabelece a base para as realizações ocupacionais para o restante de sua vida profissional adulta e, no final dessa década de vida, aos 30 anos de idade, cria ramificações para o restante da vida. É um período caracterizado por mudanças e escolhas duradouras nos diferentes aspectos, seja no amor, no trabalho ou em visões de mundo.

Arnett (2004) destaca cinco características principais entre o final da adolescência e a idade adulta e são elas:

1. Exploração da identidade: corresponde ao momento de maior probabilidade de explorar diversas possibilidades em diferentes áreas como no amor e no trabalho, além de estabelecer bases por meio de escolhas duradouras para a vida adulta;
2. Instabilidade: mudanças frequentes no trabalho, no amor, na residência e na exploração de outras possibilidades;
3. Auto – centração: momento de poucas obrigações sociais e compromissos com os outros;
4. Em transição: período em que os jovens não se consideram nem adolescentes nem adultos, ou seja, ambiguidade em relação ao sentimento de pertença;
5. Possibilidades: período de inúmeras oportunidades para o futuro.

Portanto, esse período da vida é caracterizado por importantes decisões, escolhas e ações em relação ao futuro. Em especial, descobertas afetivo-sexuais e estabelecimento de vivências com parceiros (as), cujas experiências terão destaque a seguir neste trabalho.

Bozon (2004) diz que durante o século XX aconteceram mudanças em relação à passagem à vida adulta. Em suas palavras “a possibilidade de viver uma verdadeira juventude, outrora um privilégio social limitado, pouco a pouco se generalizou de formas diversas, ao conjunto da faixa de idade.” (Bozon, 2004, p.69). Ainda de acordo com o autor, a sexualidade juvenil tornou-se um tempo à parte e não pode mais designar conforme a tradição da sociologia da família americana, uma sexualidade pré-marital na qual a sexualidade dos jovens durante muito tempo foi considerada um período breve, incompleto e preparatório para o casamento. Bozon (2004) esclarece que hoje a maturação amorosa e sexual das pessoas precede no tempo, sua estabilização social.

Nesse tópico, ressalta-se a dificuldade em determinar uma faixa etária que caracterize o grupo dos jovens, pois essa definição mostra variabilidade quando se trata de diferentes sociedades¹. Acrescenta-se também, que desvelar as concepções sobre as relações afetivo-sexuais dos jovens se faz necessária, pois se trata de um momento de transição, descobertas e escolhas em todos os aspectos da vida.

1.3 Relações amorosas e o “ficar”

Para Giddens (1993), a durabilidade do relacionamento na atualidade não pode ser garantida como foi, um dia, a do casamento. O autor ressalta que o termo relacionamento começou a ser utilizado recentemente, e é caracterizado por um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa. Dessa forma, ele estabelece a expressão relacionamento puro e designa esse fenômeno como:

[...] uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação como outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (Giddens, 1993, p.69).

Diante disso, o autor diferencia o amor confluyente do amor romântico², ressaltando que o primeiro não é, necessariamente, monogâmico. A continuidade da relação é marcada pelos benefícios que cada um obtém e que garante a não interrupção; nesse sentido, “a exclusividade sexual tem um papel no relacionamento até o ponto em que os parceiros a considerem desejável ou essencial.” (Giddens, 1993, p.74).

Bauman (2004) diz que as conexões de um relacionamento na vida moderna podem

¹ Não existe um conceito norteador para designar o período juventude, por isso, nesta pesquisa optou-se por utilizar o termo jovem para os participantes.

² Segundo Giddens (1993) “o amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico” (p.72).

ser desfeitas ou rompidas com maior facilidade antes mesmo de detestá-las, ou seja, é mais fácil sair de uma relação virtual do que de um relacionamento real³ pois, em um relacionamento quanto menos as pessoas se expõem e investem na relação, menos eles se sentem inseguros no futuro sobre suas emoções.

Pode-se considerar que, com as transformações ao longo do tempo, as relações amorosas se modificaram, e as formas de se relacionar se tornaram mais fluídas em uma sociedade ocidental marcada pelo consumismo, pelas mudanças rápidas e pela busca cada vez maior de satisfação imediata (Bauman, 2004). Na proposta do autor e considerando as características descritas, o “ficar” é um relacionamento afetivo-sexual vivenciado com maior frequência na adolescência, mas não se restringe a essa etapa de vida, podendo ser vivenciado também em outras faixas etárias.

Sobre o “ficar”, Chaves (1994) expõe que “o ‘ficar com’ surgiu no início da década de 80, e se tornou um relacionamento muito comum entre os jovens das camadas médias dos grandes centros urbanos do Brasil.” (p.12). De acordo com a autora, o “ficar com” é um código de relacionamento com pluralidade de regras, com ausência de fidelidade, e com possibilidade de início de um namoro. Nele também se estabelece a ruptura entre compromisso e prazer que, segundo a autora, é caracterizado como mais importante do que a falta de compromisso.

A busca de prazer, segundo Stengel (2003), é a principal característica desse relacionamento, podendo acontecer em um encontro de um dia e/ou noite, desde beijos à relação sexual. O “ficar” pode, então, ser compreendido como um relacionamento completo, com começo (encontro dos parceiros), um meio (a ficada) e um final (a não continuidade ou não formação de vínculos); portanto, o “ficar” permite a busca do prazer independente de um compromisso estabelecido e da presença de sentimento.

Stengel (2003) se baseou no resultado de entrevistas abertas e individuais com 19 jovens, entre 16 e 18 anos de idade, de ambos os sexos, solteiros e que frequentavam escola formal⁴. A partir dos relatos, os motivos alegados pelos adolescentes para “ficar” foram desde carência e solidão, à exibição. A pesquisa revelou, ainda, que o “ficar” pode compreender uma fase que antecede o namoro, ou seja, pode ser um momento de espera para a oficialização de um compromisso. Outro aspecto do resultado da investigação evidencia que a

³ De acordo com Bauman (2004) as “relações virtuais” são rompidas com facilidade ao contrário dos “relacionamentos reais” que envolvem compromisso.

⁴ Termo utilizado pela autora.

maioria dos adolescentes entrevistados iniciou sua vida afetivo-sexual pela via do “ficar” (Stengel, 2003).

Em relação ao critério de escolha para “ficar”, Stengel (2003) diz que com a valorização cada vez maior da beleza e do corpo em nossa cultura, a beleza culminou em um critério determinante de escolha. A beleza do futuro ficante é relevante, pois o adolescente faz parecer possível uma cisão entre o sexo e afeto quando ele relaciona o “ficar” com a beleza e o erótico, e o namoro com o afeto e a beleza interior. Então, o “ficar” estaria associado ao sexo e o namoro ao afeto, como se ambos não estivessem presentes em qualquer um dos relacionamentos (Stengel, 2003).

Segundo Reith (1998), o discurso de mulheres e homens adolescentes entre 15 e 20 anos de idade mostra que no “ficar” é a atração física que rege o encontro, a relação sexual pode se consumir mesmo sem compromisso e pode conter a expectativa de conhecer o outro ideal junto com o confluir sexual. As mulheres dizem não transar com quem “ficam” associando o sexo com uma relação amorosa, ao contrário dos homens que, a possibilidade de transar ao “ficar”, está potencialmente presente, assim como a afirmação da vontade de não assumir compromisso amoroso. A afetividade e o sexo para os homens são experiências distintas (Reith, 1998).

Jesus (2005) realizou uma pesquisa sobre o “ficar” e o namorar, com 38 adolescentes, de ambos os sexos, na cidade de Aracaju- SE, e os resultados mostraram que os jovens preferem o “ficar” no lugar do namorar. Eles relataram a preferência pelo relacionamento passageiro para não assumirem a responsabilidade de uma relação, e alegaram que a aparência física é um critério de escolha importante na decisão de “ficar”.

No dizer de Justo (2005) a palavra ficar representa parada e permanência. No entanto, o termo “ficar” do ponto de vista do relacionamento na sociedade atual significa um relacionamento episódico e com pouca duração, e que envolve beijos, abraços e carinhos em sua prática mais comum, sendo passageiro e sem envolvimento profundos.

Segundo o autor, o adolescente vive a tensão produzida pelos modelos de relacionamentos antigos e atuais. Por um lado, é atraente o ideário do amor romântico em decorrência da promessa de segurança, confiabilidade, fidelidade, durabilidade e, por outro, é fascinante a promessa de independência, autonomia, realização, diversidade do amor confluyente (Justo, 2005).

De acordo com Castro, Abramovay e Silva (2004), no “ficar”, para os jovens, a possibilidade da variação de parceiras recebe um valor positivo; o importante é se tornar mais

experiente na amorosidade e sexualidade. No entanto, as jovens estabelecem limites, pois para elas, uma variedade grande de parceiros resulta em valor negativo.

Meirelles (2011) a partir de discussões com jovens mulheres entre 13 e 16 anos de idade, estudantes de ensino fundamental em bairro periférico de Porto Alegre-RS, sobre os modos de viver a sexualidade juvenil, identificou que as participantes almejavam relacionamentos pautados em ideais de amor romântico e heteronormativos⁵ a partir de discursos morais manifestados por suas famílias e pela escola. A escola, por sua vez, foi destacada como um dos principais locais de sociabilidade e vivência das experiências afetivo-sexuais pelas jovens.

Abeche e Ferreira (2010) analisaram o “ficar” a partir da manifestação ideológica da indústria cultural, na qual as leis do mercado embasadas no uso e na troca transferem-se para os relacionamentos interpessoais. Essa relação é marcada pela rotatividade e descompromisso para com o futuro e com o outro da relação, na qual a libido é dirigida quase que exclusivamente para o fim de consumir. Portanto, “o outro é negado em sua história de vida, na sua necessidade e capacidade de prover amparo e carinho, pois o pensamento e a reflexão são jogados para o segundo plano e engessados, e o corpo assume a dianteira, forma de racionalidade [...]” (Abeche & Ferreira, 2010, p.345).

Bruns (2010) ressalta que os relacionamentos relâmpagos acontecem como se fossem eventos e ocorrem dentro de padrões específicos, ou seja, podendo ter duração de uma festa de aniversário ou um final de semana na praia e não demanda continuidade. Segunda a autora, a geração@.com⁶ exacerba o contato sexual que possibilita vivenciar a ilusão de ser aceito, amado e valorizado. Ainda de acordo com Bruns (2001), as regras estabelecidas pelo adulto não se diferenciam das praticadas pelos adolescentes; ambos podem “ficar” com outra pessoa até a festa acabar e estão expostos aos mesmos riscos como, por exemplo, da gravidez e de contrair as doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Nas palavras de Almeida (2006) o “‘ficar’ é essencialmente beijar. Beijar em série, beijar muito, reconfigurando temporalidades antes submetidas ao crivo da cadência amorosa e sentimental.” (p.149), que outrora significava marca singular do enamoramento ou uma possível trajetória sentimental. Para a autora, o “ficar” representa a frouxidão do compromisso, e sua prática representa uma “[...] marca episódica naquilo que é essencialmente situacional.” (Almeida, 2006, p.154).

⁵ O discurso heteronormativo considera o casamento heterossexual como sendo o ideal.

⁶ Segundo Bruns (2010) a “*geração@.com*” corresponde aos seguidores do modelo de relacionamento rápido.

Silva (2002), em seu trabalho sobre o tema, ressalta as mudanças no padrão dos relacionamentos e coloca que as uniões acontecem dentro do mesmo grupo social ao qual o ficante pertence, pois os encontros são facilitados pela transitoriedade deles nos mesmos ambientes.

Nogueira, Zocca, Muzzeti e Ribeiro (2014) pesquisaram o “ficar” e o namoro na concepção de oito alunos e dois professores do Cursinho Pré-Vestibular Comunitário para adolescentes do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas, entre 17 e 23 anos de idade, localizado na cidade de Matão-SP. Os resultados indicaram que o “ficar” é caracterizado por um breve período de tempo, por beijos, carícias e até mesmo por relação sexual, sendo que, normalmente, as relações ocorrem com pessoas do mesmo grupo de amizades. O intermédio de um amigo no momento da conquista também foi citado pelos participantes.

O namoro foi caracterizado como um compromisso estabelecido quando o amor se faz presente no relacionamento. Na opinião dos jovens entrevistados, quando questionados sobre a preferência entre “ficar” e namorar, estes escolheram a opção do namoro (que pode ter início com o “ficar”), mas disseram que a preferência dos jovens, em geral, seria pelo “ficar” (Nogueira, Zocca, Muzzeti & Ribeiro, 2014).

Segundo Gonini (2006), os alunos da 6ª série do ensino fundamental, nem sempre se sentiam confortáveis com o modelo de relacionamento “ficar”, isso porque seus valores estavam arraigados em noções do senso comum, e na valorização da relação estável, monogâmica, assim como na construção de família tradicional⁷.

Sousa, Nunes e Machado (2012) analisaram o “ficar” entre adolescentes de 15 a 17 anos de idade, de ambos os gêneros. A maioria dos garotos ao ficarem, especialmente em festas, tem como intenção a prática do sexo, e veem essa relação como única, sem novos encontros ou sequência. Para as garotas, no “ficar” não há afeto, é puramente físico, determinado pela atração de ambos os interessados, porém, para algumas delas, a expectativa é que esse momento se transforme em namoro.

A questão de gênero está presente na quantificação e variedade das ficadas que aparecem nos discursos dos garotos, em contraposição ao silêncio ou subterfúgios das garotas, que demonstraram resistência ao falar sobre o assunto devido ao cuidado com a imagem pessoal, preferindo tratar de forma superficial essa questão (Sousa, Nunes & Machado 2012).

Figueiró (2006b) a partir da pesquisa sobre as concepções de professores e alunos do ensino médio sobre o “ficar”, verificou que os adultos têm maior resistência a compreender e

⁷ Segundo Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005), a família tradicional é constituída pelo pai, único provedor, e a mãe, única responsável pelas tarefas domésticas e cuidado com os filhos.

aceitar essa relação entre os jovens, pois julgam a partir de seu referencial, sem conhecer o que pensam os adolescentes sobre o assunto. Os adolescentes, por sua vez, vivenciam o “ficar” e avaliam como válida essa experiência, mas carecem de espaços de reflexão e debate na construção positiva do relacionamento afetivo-sexual. Como ressalta Figueiró (2006b), apesar do campo de incertezas, no “ficar”, tanto os adolescentes como os jovens, estão sujeitos à gravidez indesejada, ao risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, e à paternidade não planejada. Por isso, a educação sexual é necessária e importante para que a vivência das relações amorosas seja concretizada por meios conscientes e responsáveis no decorrer da vida de cada pessoa.

Segundo Affonso e Ribeiro (2006) o “ficar” e o “rolo”⁸, são permeados por representações simbólicas; os adolescentes, então, se relacionam por meio das atitudes, comportamentos, aparências, e rótulos determinados entre si.

Oliveira, Gomes, Marques e Thiengo (2007) analisaram as diferentes formas de relacionamentos interpessoais entre adolescentes e concluíram que ao mesmo tempo em que eles se sentem atraídos pela liberdade proporcionada pelo pegar ou “ficar”, necessitam da afetividade explicitada em relacionamentos mais estáveis e com menor liberdade.

Weingärtner, John, Bonamigo e Goidanich (1995) entrevistaram 30 adolescentes com idades entre 13 e 17 anos, de ambos os sexos, sendo estudantes da rede particular de Porto Alegre-RS sobre o “ficar” e o namorar. As autoras concluíram que o “ficar” para estes jovens é um relacionamento de curta duração, que não envolve exclusividade e compromisso, e é incentivado pelo grupo de pares; o namoro, por ser uma relação com maior durabilidade, envolve exclusividade, compromisso, sentimentos e intimidade.

Assis (2010) entrevistou jovens universitários entre 19 e 22 anos de idade com o objetivo de apreender como se constituem os sentidos que eles produzem acerca dos relacionamentos afetivos. Em relação ao “ficar”, há uma tendência dos homens serem mais abertos a essa relação, ao contrário das mulheres que tendem a denotar esse relacionamento como sem compromisso e fútil e sem significado. Os jovens disseram também que o primeiro passo para se chegar ao namoro é o “ficar”, ou seja, é a possibilidade de conhecer melhor o parceiro.

Aquino et al. (2012), com o objetivo de conhecer a correlação entre o amor e o “ficar”, e a relação deles com o sentido da vida, aplicaram a versão atualizada do Teste

⁸ O termo “rolo” significa um relacionamento sem compromisso.

Propósito de Vida⁹ e a Escala Tetrangular do Amor (ETA)¹⁰ em 199 estudantes universitários, sendo 51% mulheres e 49% homens, com idade média de 21 anos, em cursos das áreas biomédicas (42%), exatas (46%) e humanas (12%). No contexto do “ficar”, este se correlacionou negativamente com os fatores de compromisso, intimidade e amor romântico.

Smeha e Oliveira (2013) na busca de conhecer a percepção dos jovens adultos sobre os relacionamentos amorosos na contemporaneidade entrevistaram oito jovens de ambos os sexos, com idades entre 18 e 23 anos. Os dados obtidos apontaram o desejo dos jovens em conciliar a experiência de uma relação tradicional baseada no amor romântico com a vida de solteiro, permeada pela liberdade, individualidade e ausência de compromisso com o parceiro. Apesar do pouco investimento nos seus relacionamentos, ainda existe esperanças de encontrar uma pessoa para se relacionar que corresponda às expectativas e proporcione prazer e felicidade. Os jovens anseiam mais por receber afeto do parceiro do que disponibilizar tempo, atenção e dedicação para proporcionar satisfação, prazer e felicidade ao outro.

Nos relatos dos participantes, os mesmos apontaram críticas e evidenciaram preconceito em relação ao comportamento do sexo oposto, pois na opinião dos homens, as mulheres não deveriam se comportar como se fossem homens, ou seja, vivendo relações de curta duração e trocando de parceiros com frequência; e as mulheres, por sua vez, disseram que os homens não querem relações que abrangem fidelidade e compromisso. Observa-se então, o conflito e a desigualdade em relação às expectativas sustentadas nas diferenças de gênero (Smeha & Oliveira, 2013).

Segundo Schuch (2002), jovens universitários entre 19 e 27 anos de idade sublinharam elementos valorativos das ideologias individualistas como a liberdade, a autonomia e a privacidade quando se reportaram ao “ficar”. Ou seja:

[...] a análise das situações em que tais relacionamentos são vivenciados mostra ser esta também uma experiência social em que atuam elementos relacionais, como a já vista divisão dos papéis de gênero no processo de aproximação dos parceiros, a homologia de classe social, a publicidade dos eventos, além da própria influência do grupo de pares para a escolha dos parceiros. (Schuch, 2002, p.299).

⁹ O Teste Propósito de Vida consiste na avaliação do nível de realização de sentido de vida e de vazio existencial com base na teoria de Viktor Frankl. Os três fatores principais que caracterizam essa medida são: o desespero existencial, a realização existencial e o vazio existencial (Aquino et al., 2012).

¹⁰ A Escala Tetrangular do Amor (ETA) foi elaborada por Yela (2006) para mensurar o amor a partir de quatro componentes, e são eles a *intimidade*; *compromisso*; *paixão erótica* e *paixão romântica*. (Aquino et al., 2012).

Maia (2001) diz que as questões relacionadas à sexualidade humana são construídas ao longo da vida, ou seja, “as concepções, crenças pessoais e sentimentos - frutos da educação sexual - influenciam as atitudes e as ações com relação à manifestação da sexualidade das pessoas.” (p.36).

Matarazzo e Manzin (1988) ressaltam a necessidade de conceber a educação em relação ao sexo desde a infância até a maturidade ou até mesmo na terceira idade. Devido aos efeitos na vida futura de cada pessoa, a educação sexual é amplamente importante, pois os jovens de hoje constituirão as famílias de amanhã.

Pode-se considerar então, que a educação sexual se torna necessária, e possibilita aos indivíduos vivenciarem as relações amorosas e outros aspectos de suas vidas a partir de escolhas conscientes e ações responsáveis, como no “ficar”, por exemplo.

Após esse relato sobre as relações amorosas na atualidade, que possibilitaram pontuar as mudanças ocorridas ao longo do tempo sobre as práticas amorosas, é importante conhecer o referencial teórico de Pierre Bourdieu, pois este aborda os conceitos que norteiam a análise do objeto de estudo desta pesquisa.

2 O REFERENCIAL TEÓRICO: PIERRE BOURDIEU

Esta seção mostrará os principais conceitos da Teoria elaborada por Pierre Bourdieu que embasa o método praxiológico, como o *habitus*, a trajetória e o espaço social, o capital econômico, cultural e social, e as estratégias matrimoniais, a fim de proporcionar a compreensão do objeto de estudo, o “ficar”.

2.1 *Habitus*

O conceito de *habitus* é central na teoria Bourdiana, sendo que Pierre Bourdieu (2010) “retomando a velha noção aristotélica de *hexis*, convertida pela escolástica em *habitus* [...]” (p.61), resgatou o termo para a literatura. Questionado sobre o porquê não dizer hábito, Bourdieu explica que o hábito corresponde ao repetitivo, ao automático e antes reprodutivo do que produtivo, enquanto *habitus* consiste na ideia de potência geradora, na reprodução das condições sociais de nossa própria produção.

Portanto, “o *habitus* está no princípio de encadeamento das “ações” que são objetivamente organizadas como estratégias, sem ser, de modo algum, o produto de uma verdadeira intenção estratégica [...]” (Bourdieu, 2003, p.54).

Diante disso, *habitus* corresponde ao processo de socialização do indivíduo em relação ao meio em que ele se insere. As relações das pessoas acontecem, em primeiro lugar, na família e, depois, nas diferentes agências de socialização, como na universidade e na Igreja, por exemplo. Na caracterização de Bourdieu (2003) *habitus* é definido por:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações* - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e as correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados. (Bourdieu, 2003, pp.57-58).

Nessa lógica, a pessoa faz parte de um sistema de disposições na qual incorpora a maneira de ver o mundo através das percepções desses esquemas. Cada indivíduo está inserido em um grupo, e “as experiências se integram na unidade de uma biografia sistemática que se organiza a partir da situação originária de classe, experimentada num tipo determinado de estrutura familiar.” (Bourdieu, 2003, p.72). Nesse sentido, o *habitus* é o social inscrito no corpo, e permite que as pessoas que percebem as imposições desse campo gerem possibilidades e as realizem (Bourdieu, 2004).

O *habitus* dos agentes sociais, por sua vez, é constituído e inscrito através das experiências passadas. Portanto, os sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação, possibilitam ao agente reconhecer os estímulos condicionais e convencionais que estão dispostos, assim como “[...] engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas, porém nos limites das constringências estruturais de que são o produto e que as definem.” (Bourdieu, 2007, p.169).

Setton (2002) propõe pensar o *habitus* com um olhar diferente, pois, segundo a autora, a modernidade trouxe às pessoas a possibilidade de escolhas. O mundo contemporâneo possibilita pensar “[...] em uma configuração longe de oferecer padrões de conduta fechados.” (Setton, 2002, p.66). Por conseguinte, abre-se a possibilidade de refletir a constituição da identidade social da pessoa a partir do *habitus* híbrido.

Para Bourdieu (2003), nos sistemas de disposições individuais, é possível ver variantes de estruturas do grupo na qual o agente está inserido. Nas palavras do autor (2003), o estilo pessoal carrega todos os produtos de um *habitus*, práticas ou obras. É um desvio regulado e às vezes, codificado ao *estilo* próprio de uma época ou classe.

O conceito de *habitus*, assim, é essencial para compreender os significados do “ficar” para os jovens a partir do estilo pessoal de cada participante, pois como coloca Bourdieu (2003) “o *habitus* é a mediação universalizante que faz que as práticas sem razão explícita e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto, ‘sensatas’, ‘razoáveis’ e objetivamente orquestradas.” (p.65).

2.2 Trajetória e espaço social

A trajetória social corresponde às posições ocupadas por um agente ou um mesmo grupo, e representa um espaço de contínuas transformações, onde as disposições do *habitus* estão colocadas nesse espaço social (Bourdieu, 2014).

Bourdieu (2013) diz que o ponto da trajetória contém sempre o sentido do trajeto social, pois a posição do indivíduo ou de um grupo na estrutura social não é definida apenas de um ponto de vista estático em uma dada estrutura e um dado momento.

Nesse sentido, pensar a trajetória de vida do indivíduo dá sentido às escolhas realizadas por eles no momento do “ficar”, e nos significados que a relação amorosa possui para esses jovens. Sendo assim, o espaço social é:

[...] construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situados, mais propriedades eles terão em comum; quanto mais afastados, menos

propriedades em comum eles terão. As distâncias espaciais – no papel – coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real. Embora se observe praticamente em todos os lugares uma tendência para a segregação no espaço, as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas – por opção ou por força – no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico. (Bourdieu, 2004, p.153).

Dessa forma, as pessoas que pertencem ao mesmo grupo estão mais próximas no espaço social, ou seja, os ficantes tendem a se relacionar com pessoas que estão próximas a elas, onde a interação acontece com maior facilidade.

Segundo Bourdieu (2007), o espaço social tende a se retraduzir no espaço físico de maneira mais ou menos deformada sob a forma de certo arranjo de agentes e propriedades. Desse modo, as divisões e distinções do espaço social se exprimem real e simbolicamente no espaço físico, como espaço social retificado.

2.3 Capital econômico, cultural e social

Os conceitos de capital econômico, cultural e social são importantes para a compreensão da trajetória de vida e do *habitus* dos indivíduos e do grupo no qual eles estão inseridos. O capital econômico corresponde às “[...] remunerações, às propriedades rurais e urbanas, às ações da Bolsa de Valores, aos lucros industriais, comerciais, assim como aos salários [...]” (Bourdieu, 2011, p.117).

O capital cultural, por sua vez, consiste na apropriação simbólica, ao investimento pessoal de incorporação deste capital realizado ao longo do tempo, e se apresenta sobre três formas, sendo elas, o estado incorporado, o objetivado e o institucionalizado (Bourdieu, 2001).

A transmissão do capital cultural começa pelos membros da família em uma acumulação inicial, que se faz de modo rápido. Para Bourdieu (2001) “o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*.”, e completa dizendo que “esse capital ‘pessoal’ não pode ser transmitido instantaneamente, diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza por doação ou transmissão hereditária, compra ou troca.” (p.75).

No estado objetivado, o capital cultural é transmitido em sua materialidade por meio de escritos, pinturas e monumentos. Para isso, torna-se necessário o capital econômico, essencial para a apropriação material, e o cultural, para a apropriação simbólica. O estado institucionalizado corresponde ao capital cultural na forma de diploma; este último, por sua vez, corresponde à certidão de competência cultural. Portanto, a família, por vias diretas ou indiretas, transmite aos seus filhos “[...] um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de

valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar.” (Bourdieu, 2001, pp.41-42).

O capital social de acordo com Bourdieu (2001) é o “[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento [...]” (p.67), ou seja, esse conjunto está vinculado a um grupo de agentes que, por sua vez, são unidos por ligações permanentes e úteis. Conforme aponta Bourdieu:

O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. (Bourdieu, 2001, p.67).

Aqui, a rede de relações que cada agente constrói está diretamente associada aos agentes que possuem ligação entre si. A rede de relações, por sua vez, corresponde ao produto do trabalho de instauração e manutenção que são necessárias para a produção e reprodução das relações duráveis e úteis, e elas estão aptas para proporcionar lucros materiais ou simbólicos. Diante disso, a transmissão do capital social dos grupos instituídos acontece a todos os seus membros, no entanto, em graus desiguais, de acordo com a delegação para cada agente singular (Bourdieu, 2001).

Segundo Nogueira e Nogueira (2002) “o capital econômico e o social funcionariam, na verdade, na maior parte das vezes, apenas como meios auxiliares na acumulação do capital cultural.” (p.22). Por exemplo, o capital econômico permite o acesso a estabelecimentos de ensino e bens culturais mais caros.

Sendo assim, o capital econômico, cultural e social revela considerações importantes sobre as disposições das ações que os agentes transmitem em forma de *habitus*, sendo ele fator e definidor de cada grupo social.

2.4 Estratégias matrimoniais

Uma das características do “ficar” é que ele pode tornar-se namoro, ou seja, evoluir para um relacionamento sério. Desse modo, entender as estratégias utilizadas no encontro ou na busca desse (a) parceiro (a) torna-se relevante. Bourdieu (2004) ressalta a noção de estratégia como um “[...] produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definindo, que se adquire desde a infância [...]” (p.81).

Em relação ao casamento, Bourdieu (2004) diz que as estratégias matrimoniais são

produtos do sentido do jogo que leva a escolher o melhor partido mediante o jogo que a pessoa tem. Dessa forma, para Bourdieu (2004) é por meio da tradição que as vias sucessórias se apresentam como naturais, e tendem a orientar as estratégias matrimoniais, e que integram o conjunto de estratégias como de fecundidade, educativas, econômicas, entre outras, nas quais as famílias tendem a conservar sua posição no universo analisado.

Bourdieu (2004) expõe que “as estratégias matrimoniais em geral são a resultante de relações de força no interior do grupo doméstico, e essas relações só podem ser entendidas recorrendo-se à história desse grupo, e em particular à história dos casamentos anteriores.” (p.88). Acrescenta, ainda, que o casamento representa “[...] um ato que integra o conjunto de necessidades inerentes a uma posição na estrutura social, isto é, num estado do jogo social, através da virtude sintética do sentido do jogo dos ‘negociadores’.” (Bourdieu, 2004, p.88).

Nesse sentido, Muzzeti (1997) constata em um estudo sobre as trajetórias sociais de dez normalistas formadas nos anos 40, em um Curso Normal, que oito delas se casaram com agentes de nível econômico, social e cultural equivalente ou superior aos delas, e conseqüentemente, mantiveram a posição social.

Por fim, pode-se colocar que é no ambiente social que as transações afetivas acontecem, onde se podem estabelecer os jogos sociais que dependerão da posição que o agente se encontra na estrutura social. Logo, conclui-se que a história do grupo social tende a revelar as estratégias matrimoniais adotadas nas sociedades.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Método

A pesquisa foi baseada no método praxiológico de Pierre Bourdieu, no qual o mundo social pode ser analisado a partir de três modos de conhecimentos teóricos: o fenomenológico, o objetivista e o praxiológico. O primeiro corresponde à análise da experiência primeira do mundo social; o segundo rompe com o conhecimento primeiro e confere ao mundo social o caráter de evidência e naturalidade; e o terceiro modo, segundo Bourdieu, corresponde ao

[...] conhecimento que podemos chamar de *praxiológico* tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as *disposições* estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade. (Bourdieu, 2003, p.40).

De acordo com Bourdieu (2003) “o conhecimento praxiológico não anula as aquisições do objetivismo, mas conserva-as e as ultrapassa, integrando o que esse conhecimento teve de excluir para obtê-las.” (p.40). O objetivismo, aqui, exclui a experiência primeira do conhecimento social que a fenomenologia destaca, e passa a construir a teoria da prática. Por tudo isso, o método praxiológico de Pierre Bourdieu fundamentou esta investigação, pois a teoria considera que o mundo social é analisado a partir da prática ou práticas das ações humanas. É a mediação entre indivíduo e sociedade; esta mediação se materializa no *habitus*.

3.1.1 Amostra

Participaram da pesquisa seis jovens universitários, de ambos os sexos, entre 18 e 30 anos de idade, alunos do curso de Pedagogia de uma universidade pública de uma cidade do interior paulista.

3.1.2 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa foram o questionário¹¹ e a entrevista. Assim, o questionário semiestruturado teve por objetivo verificar se os universitários estavam disponíveis a conceder as entrevistas, e obter a caracterização social do grupo de agentes analisados. Em síntese, o questionário foi apresentado em duas folhas,

¹¹ O questionário foi aplicado na turma do segundo ano do curso de Pedagogia de uma universidade pública de uma cidade do interior paulista a fim de verificar a disponibilidade dos jovens para a realização das entrevistas. Os dados estão disponibilizados nos Apêndices D, E, F, G e H.

constituído de nove perguntas abertas e fechadas sobre dados pessoais, escolarização, renda familiar, experiência profissional, religião e os significados do “ficar”.

O segundo instrumento, a entrevista¹², composto por vinte e cinco perguntas sobre educação sexual, sexualidade e o “ficar”. Desse modo e a fim de ampliar as informações quando necessário, alguns questionamentos como "Quem? O quê? Como? Quer me contar sobre isso? Poderia me falar mais sobre isso?" também foram lançados buscando a continuidade na investigação.

3.3 Análise dos dados

A análise dos dados é o procedimento de interpretar as respostas coletadas por meio das entrevistas, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, a compreensão do ficar para os jovens, por meio do *habitus* e da trajetória de vida. Tem-se então, o *habitus*, conceito principal para esta reflexão, que consiste na dicotomia entre agente social (indivíduo), e a sociedade, a partir das estruturas estruturadas e estruturantes (Freitas, 2012).

O *habitus* é caracterizado por Bourdieu (2003) da seguinte maneira, “é a posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles em todo tempo e lugar, sob a forma de *habitus*.” (p.67).

[...] princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (Bourdieu, 2003, p.54).

Nesse sentido, o *habitus* atua sobre as práticas dos indivíduos em seu cotidiano; por conseguinte, atua nas escolhas e percepções do mundo, e em tudo o que incorpora em sua trajetória de vida, da qual as relações amorosas fazem parte, em especial, o “ficar”.

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus* [...] (Bourdieu, 2003, p.53).

Nessa perspectiva, a compreensão do “ficar” a partir da metodologia de Pierre Bourdieu proporcionará analisar os conflitos de geração. Os conflitos de geração, segundo o autor, “[...] opõem não classes de idades separadas por propriedades de natureza, mas *habitus* que são produtos de diferentes modos de engendramento, isto é, de condições de existência

¹² A entrevista foi baseada no roteiro elaborado por Muzzeti (1997).

[...]” (Bourdieu, 2003, p.57).

Segundo Nogueira e Nogueira (2002) podemos pensar que o indivíduo “[...] é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído.” (p.19).

Dessa forma, pode-se dizer que a trajetória social do indivíduo, por meio do *habitus*, produz práticas tanto no âmbito individual como no coletivo. A partir dessa trajetória do agente, o “ficar” e seus significados serão definidos pelos jovens universitários do gênero masculino e feminino.

3.4 Procedimento Ético

Antes do início das entrevistas, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), elaborado de acordo com a Resolução nº466/2012 sobre Pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde – Brasília, Distrito Federal que foi elaborado com linguagem clara e objetiva.

Os participantes foram informados quanto a: 1 – Justificativas, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa; 2 – Desconfortos, riscos possíveis e benefícios esperados; 3 – Garantia de esclarecimentos antes e durante a entrevista, sobre quaisquer dúvidas; 4 – Garantia de sigilo à privacidade dos colaboradores; 5 – Liberdade dos colaboradores de recusar a participar ou retirar seu consentimento à entrevista, sem penalização alguma ou prejuízo ao seu cuidado. Depois de assinado e datado o termo de consentimento, a entrevista foi realizada.

4 O “FICAR” NAS CONCEPÇÕES DOS JOVENS

Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis [...] (Bourdieu, 1996, p.292).

Neste item será apresentada a análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário e da entrevista, ou seja, os discursos sobre o “ficar” na concepção de seis jovens universitários. Após a descrição dos participantes, serão realizadas a compreensão e interpretação do *habitus* e da trajetória de vida dos jovens universitários, as quais foram realizadas à luz da teoria elaborada por Pierre Bourdieu. Nesse sentido, buscam-se identificar suas práticas, estratégias e comportamentos relacionados à sexualidade e ao “ficar”.

A seguir, no Quadro 1, observa-se de forma sintetizada o perfil dos participantes quanto ao sexo, idade, estado civil e curso de graduação¹³.

QUADRO 1- DADOS DOS PARTICIPANTES COM NOMES FICTÍCIOS

NOMES	SEXO	IDADE	RELACIONAMENTO	CURSO
LORENA	FEMININO	18	NAMORA	PEDAGOGIA
ÁGATA	FEMININO	21	SOLTEIRA	PEDAGOGIA
ESTEFÂNIA	FEMININO	19	NAMORA	PEDAGOGIA
ENZO	MASCULINO	19	NAMORA	PEDAGOGIA
NICOLAS	MASCULINO	30	SOLTEIRO	PEDAGOGIA
MIGUEL	MASCULINO	23	NAMORA	PEDAGOGIA

Fonte: Elaboração própria

Todos os entrevistados responderam ao questionário e aceitaram conceder a entrevista, após contato pessoal. A primeira, **Lorena**, estuda no período diurno, e teve a entrevista agendada de acordo com sua disponibilidade; seu ensino fundamental e ensino médio foram concluídos em escola pública e declarou ter frequentado cursinho pré-vestibular comunitário e/ou popular. O curso de Pedagogia era sua primeira opção de ingresso no ensino superior quando foi prestar o exame vestibular; seu pai possui ensino médio completo e atua como motorista, e sua mãe ensino fundamental completo e é do lar; tem um irmão com 13

¹³ Os nomes dos participantes são fictícios a fim de preservar suas identidades.

anos de idade. Seus avós paternos eram professores e os avós maternos trabalharam na zona rural; o capital econômico da família perfaz até R\$ 1.448,00. No momento, Lorena não exerce atividade remunerada, dedicando-se exclusivamente aos estudos e relata que a família não tem por hábito conversar sobre assuntos de religião, sendo eles frequentadores da igreja católica.

A segunda entrevista foi concedida por **Ágata**, estudante do período diurno, que também concluiu o ensino fundamental e médio em escola pública, bem como declarou ter frequentado cursinho pré-vestibular comunitário e/ou popular. O curso de Letras era sua primeira opção no exame de acesso ao ensino superior. Seus pais possuem ensino médio completo, sendo que seu pai atua como operador de caldeira e sua mãe é auxiliar de limpeza; seu avô paterno trabalhava na zona rural e sua avó dona de casa, assim como seus avós maternos. Ela tem um irmão com 19 anos de idade que possui ensino médio completo e exerce a função de auxiliar de lavanderia e uma irmã de 15 anos, estudante. O capital econômico da família perfaz até R\$ 1.448,00; no momento, Ágata não exerce atividade remunerada, e relata que a família costuma falar sobre religião, sendo também frequentadores da igreja católica.

Estefânia, a terceira entrevistada, estuda no período diurno, cursou o ensino fundamental e médio todo em escola particular e não frequentou cursinho pré-vestibular. O curso de Pedagogia foi sua primeira opção de escolha para o curso de graduação. No que se refere ao capital cultural da família legitimado pela escola, seu pai possui ensino superior completo e atua como motorista, e sua mãe possui ensino fundamental incompleto e é do lar. Seus avós maternos eram comerciantes e não soube relatar a profissão exercida por seus avós paternos. O capital econômico da família perfaz de R\$ 1.448,00 a R\$ 2.172,00. Estefânia, atualmente, exerce atividade remunerada e declara que a família costuma falar sobre religião, sendo eles adeptos do espiritismo.

Enzo, o quarto entrevistado, estuda no período noturno, fez o ensino fundamental e médio em escola pública, e disse não ter frequentado cursinho pré-vestibular. O curso de Pedagogia também era sua primeira opção de escolha para o vestibular. No que se refere ao capital cultural da família legitimado pela escola, seus pais possuem ensino fundamental incompleto, sendo que seu pai atuava como caminhoneiro e sua mãe é doméstica. Ele não soube responder quais as profissões de seus avós paternos e maternos; tem um irmão com 31 anos de idade que possui ensino médio incompleto e exerce atividade de entregador. O capital econômico da família está na faixa de R\$ 3.620,00 a R\$ 4.344,00. Enzo exerce atividade remunerada, revela que a família costuma falar sobre religião, sendo que ele diz praticar o cristianismo, mas não definiu uma religião em específico.

Nicolas estuda no período diurno, está no quarto ano de Pedagogia, sua primeira opção de escolha para o vestibular. Seu ensino fundamental e ensino médio foram concluídos em escola particular, sendo que ele frequentou cursinho pré-vestibular também particular. Seus pais possuem ensino médio completo; seu pai atua como comerciante e sua mãe é educadora física. Seu avô paterno era caminhoneiro e sua avó dona de casa; seu avô materno era fazendeiro e sua avó enfermeira. Ele tem um irmão com 39 anos de idade, ensino superior completo atuando como publicitário. O capital econômico da família consiste em mais de R\$ 4.344,00 e no momento, não exerce atividade remunerada. A família não costuma falar sobre religião e ele não é frequentador de nenhuma doutrina.

Miguel, o último entrevistado, estuda no período noturno, está no quarto ano de graduação. Seu ensino fundamental e ensino médio foram concluídos em escola pública, frequentou cursinho pré-vestibular comunitário e/ou popular. O curso de química era sua primeira opção nos exames de vestibular; sua mãe possui ensino médio técnico completo e atua como técnica em nutrição e não convive com o pai. Não soube responder a profissão dos avós paternos; sua avó materna é aposentada e seu avô, aposentado e encanador. A renda familiar fica entre R\$ 2.172,00 e R\$ 2.896,00. Miguel, atualmente, exerce atividade remunerada, e conta que a família costuma falar sobre religião, mas que ele não tem o hábito de frequentar uma doutrina religiosa.

Após a descrição do perfil socioeconômico de cada jovem serão apresentados os seis retratos sociológicos da trajetória social dos universitários. A análise está estruturada de acordo com os seguintes tópicos: 1. Família e educação sexual; 2. Educação sexual no contexto escolar; 3. Os significados da sexualidade e educação sexual; 4. O “ficar” e suas representações.

4.1 Família e educação sexual

A família é a primeira agência de socialização na qual o indivíduo vivencia suas primeiras experiências. Por conseguinte, a mesma abrange um processo de construção de uma nova identidade e permite a inclusão do indivíduo no espaço social, principalmente por meio das interações.

Considerando a importância do *habitus* cultivado no ambiente familiar, ou seja, nos espaços de socialização, foi questionado na pesquisa, como os participantes e seus familiares conversavam sobre sexualidade em suas casas, o que era falado e como isso acontecia. Em outras palavras, foi analisado se a sexualidade fazia parte do *habitus* do ambiente familiar, podendo ser notado, pelo discurso dos jovens, que as famílias não têm por *habitus* conversar

sobre o assunto ou, quando falam, fazem isso superficialmente.

“Lá em casa é difícil falar sobre isso, é pouca conversa sobre o assunto” (Lorena).

“Difícil. A gente não fala. A gente não tem esse hábito. Nada. Na minha família nunca teve da minha mãe chegar e falar, olha e nem meu pai. Eu acho que eles, como eles são do sítio, foram criados e vieram para a cidade assim bem depois, sabe bem velhos, eles não têm uma mentalidade, nesse assunto eles não tocam, nunca falaram com a gente mesmo sobre esse assunto” (Ágata).

“Não existe. Nunca, nunca chegou uma conversa entre família, tipo senta e conversa, nunca, nunca teve isso. Sempre fiquei restrita a perguntar, sempre perguntei pra alguém, primas, sabe alguém de fora, mais velho” (Estefânia).

“Normal, sempre foi um assunto, nem uma bruxa, uma coisa de sete cabeças. Fui criado assim, não sei quando eu era menor acho que com 10 anos eu não lembro muito se eu ouvi falar sobre isso, também nunca tive uma conversa abertamente sobre esse tema, mas o assunto nunca tive problema dentro de casa” (Enzo).

“Muito fraco assim. Eu não me sinto muito a vontade para falar sobre sexualidade com meus pais assim, e creio que nem eles comigo. Eu acho que a gente sempre falou pouco sobre isso e meu pai falou de usar camisinha, quando eu já estava mais adolescente e ele falou uma vez só. Na época ele falava que não tinha medo de DST que o problema era engravidar então porque era outra época dele, as coisas mudaram muito rápido e não dá pra se julgar e dentro da cabeça dele é isso, ele falava pra usar duas camisinhas, o que eu me lembro da fala dele é isso, e da parte da minha mãe tirou uma curiosidade minha sobre o que era uma “zona” assim. Sempre foram coisas pontuais, uma conversa rápida e isso [...] E não me sinto até hoje muito a vontade para conversar sobre sexualidade com eles” (Nicolas).

“Em casa não é muito falada, mas o momento que houve maior aproximação foi quando eu comecei a namorar firme e aí é um pouco visão de família ele ainda é criança, foi a partir da primeira namorada firme que eu tive durante o cursinho, tinha 19 anos, eu namorei com ela durante o cursinho e no primeiro ano aqui, então a partir do momento do ‘ai meu deus o que está acontecendo’, justamente por ser uma família católica, por ser uma família certinha, a moral cristã está inserido dentro de tudo isso, então foi uma coisa meio o que está acontecendo, mas também nunca teve um diálogo aberto. Era genérico, não vamos tocar no assunto, era o se cuida. Era engraçado conversando com minha mãe, era um se cuida e se cuida por quê? Você sabe do que eu estou falando. Então a gente ainda dentro da família, ainda existe preconceito, existe o não se falar e era mais ou menos isso. Tanto que na adolescência não se falava nada. Muito mais se sabia pelo que acontecia na escola” (Miguel).

A partir das descrições dos jovens, compreende-se a dificuldade da família em abordar a temática com seus integrantes. Como relatam os participantes, existe pouco ou nenhum momento em que se conversa sobre sexualidade no ambiente familiar, ou seja, há regularidade na fala dos jovens em dizer que não recebiam de suas famílias instruções sobre educação sexual. Verifica-se então, que não faz parte do *habitus* dessas famílias a discussão sobre a temática. Diferentemente dos demais relatos, Enzo diz que é normal conversar sobre o assunto apesar de não ter tido uma conversa aberta sobre o tema. Nicolas, por sua vez, conta

que recebeu breves orientações sobre prevenção e Miguel diz ter sido orientado apenas quando começou um relacionamento sério.

Observa-se aqui que os momentos em que a família conversa com os jovens são extremamente pontuais. Para Werebe (1998) “nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto.” (p.149). Esse fator é o que ressalta Ágata em sua entrevista ao dizer que seus pais, que moraram na zona rural por longo período, não se sentiam à vontade para conversar sobre o tema. Outro aspecto importante é o fato de, tanto pais quanto filhos, não se sentirem dispostos a conversar, ficando isso evidente no relato de Nicolas.

Por meio das entrevistas percebe-se ainda que a educação sexual ocorre em uma abordagem mais voltada aos assuntos relacionados às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e à prevenção de uma gravidez ou paternidade precoce, ou seja, como meio de evitar problemas futuros. No entanto, é deixado de lado o fato de que os pais poderiam dialogar com seus filhos sobre questões relacionadas à afetividade, ao prazer e às responsabilidades da vida sexual.

Figueiró (2013) ressalta que o comportamento verbal e não verbal das pessoas influencia a criança ou o adolescente desde o nascimento, transcorrendo ao longo de toda a vida na formação de seus valores sobre corpo, relação sexual, namoro, parto, abraço, entre outras características. Sendo assim, a família também transmite aos seus descendentes valores a respeito da sexualidade.

Segundo Bourdieu (2014) o *habitus* é um corpo socializado, que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular dele, e estrutura a percepção e a ação no mundo. Ainda de acordo com Bourdieu (2003) “cada agente, quer ele saiba ou não, queira ele ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo: porque suas ações e obras são o produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual não tem o domínio consciente [...]” (p.65).

Na pesquisa, compreende-se que, independentemente do nível de instrução dos membros familiares que, conversar sobre o tema educação sexual ainda é muito complicado. Isso fica evidente nas descrições de Ágata, Estefânia, Lorena e Miguel, quando os entrevistados afirmam que não recebiam de suas famílias instrução alguma. Enzo e Nicolas, por sua vez, relataram que isso acontecia pontualmente.

“Minha mãe, mas é muito pouco, quase nada, acho que quase nada é nada” (Lorena).

“Sim. Minha mãe. Sobre camisinha, sobre tomar cuidado com as meninas que são muito fáceis. Mais sobre isso. Mesmo que eu não fosse tão bobo quanto ela pensa, a mãe sempre pensa que somos ingênuos parece que se importa eu acredito” (Enzo).

“Sim, pontualmente. Pai e mãe” (Nicolas).

É relevante que as famílias busquem estratégias, ações conscientes ou inconscientemente orientadas pelo *habitus*, para abordar a temática a fim de proporcionar esclarecimentos e momentos de reflexões para seus filhos, bem como buscar a quebra de alguns dos seus tabus. Algumas hipóteses como a ausência de conhecimento, a dificuldade em lidar com os tabus que as pessoas enfrentam quando o assunto é sexualidade, e até mesmo a falta de iniciativa em dialogar com os filhos contribuem para o não acesso aos momentos de reflexão e conhecimento sobre os diversos assuntos que permeiam a sexualidade: saúde sexual, o momento certo para iniciação sexual, homossexualidade, relacionamentos.

Segundo Ribeiro (2011), por mais difícil que seja conversar sobre o assunto, os jovens precisam crescer percebendo que o sexo é tão natural quanto respirar. E a informação é um dos tesouros que juntamos ao longo da vida e a falta do conhecimento sobre sexualidade torna o tema ameaçador e que pode trazer prejuízos irreparáveis.

Outro dado relevante está no discurso de Enzo sobre “tomar cuidado com as meninas que são muito fáceis”, pois mostra a transmissão do discurso machista predominante ainda na atualidade. Segundo Bozon (2004), na maioria das sociedades a sexualidade tem papel importante tanto na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos como na representação da ordem das gerações. Para Bourdieu (1999), “[...] a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la [...]” (p.18).

De acordo com Bourdieu (2014), a família é determinante na manutenção da ordem social e na reprodução biológica e social. Portanto, para que a vida afetivo-sexual desses jovens seja vivenciada em sua plenitude, a temática se mostra de fundamental importância bem como buscar a quebra de alguns dos seus tabus, pois a educação sexual é primordial na trajetória de vida de todas as pessoas.

4.2 Escola, universidade e educação sexual

A escola é uma agência de socialização e representa para cada pessoa uma matriz de apreciações e percepções. Segundo Bourdieu (2013), a escola é, sobretudo, uma força formadora de *habitus*. Nesse contexto, os jovens foram questionados se tiveram aulas e/ou oficinas sobre educação sexual no ensino básico, fundamental ou médio. Observa-se que

existe regularidade na fala de todos os participantes ao afirmarem que tiveram contato com educação sexual por meio da disciplina de Ciências/Biologia, e palestras e/ou oficinas oferecidas por estagiários de instituições públicas e professores. Percebe-se também que os jovens não conseguem verbalizar com muita objetividade os detalhes das aulas e/ou oficinas.

“Então eu me lembro de uma vez na aula de Biologia a gente fez era tipo um joguinho, a pessoa ficava grávida e tinha que resolver como era um joguinho que vinha na escola. Depois no segundo ano [ensino médio] tivemos palestra com a professora de Sociologia só que ela era formada em educação sexual, ela deu palestra para a oitava, primeiro, para o ensino médio” (Lorena).

“Então, aulas a gente não teve nenhuma, só a professora de Ciências que explicava alguma coisa, mas não era uma aula profunda. Era alguma coisa pontual da matéria que precisava ser passada. Então, assim, falando sobre doenças, como usar camisinha, mais essas coisas” (Ágata).

“Médio eu tive. Foi uma aula de Ciências na verdade, que falou mais de corpo humano, mas como o professor era mais liberal com a gente, então ele foi explicando mais, citando exemplos, essas coisas. Foi bem legal, ele falou abertamente. Durante o ano ele dava explicações e a gente podia fazer qualquer pergunta que quisesse, ele foi como um psicólogo, um amigo, então foi bem interessante” (Estefânia).

“Tive, mas foi um período muito curto. Foi oficina, não chegou a ser aula. Foi em [nome da cidade], no ensino médio. Eu lembro que teve um período, só um mês só. Fomos alunos da [nome da universidade pública] de lá. Acho que foi só um mês que eles apresentaram só” (Enzo).

“Tive aulas no ensino básico, fundamental e médio, que eu me lembre mais no fundamental, no ensino médio não muito eu acho. Que eu mais me lembre no fundamental foi que eu tive. Foi uma aula, disciplina de Ciências. Era o seu [nome do professor], na verdade nos o chamávamos de seu [nome do professor], isso devia ser na quarta série ou quinta série acho. Isso foi a primeira vez, mas nas séries avançadas eu devo ter tido de novo. Eu acho que eu mais lembro é do seu [nome do professor] que a gente ficou com bastante vergonha assim na época a classe. O próprio livro que trabalhávamos em sala trazia um capítulo sobre, então eu lembro que mostrava o órgão sexual masculino e feminino, ai tinha um desenho que se falava sobre vasectomia e tinha até tesourinhas cortando o canal. E ele falou um pouco isso assim, o que era o comportamento que começava, creio que a gente estava por volta da puberdade assim, então foi uma aula que eles acharam necessário talvez passar, não sei se foi isso. Eu lembro um pouco isso mais, falando dos órgãos sexuais, acho que ele falou como era o ato sexual, acabou falando como funcionava e eu lembro que a gente ficou com bastante vergonha, ah eu não sei dizer por que, talvez porque ninguém conversava sobre isso, talvez fosse muito novo pra todo mundo falar sobre isso, então eu lembro que a gente achou engraçado, dava risada, ficava meio com vergonha, eu lembro muito o porquê, mas lembro de assim, não foi uma coisa assim natural, foi uma coisa que deu assim, não um constrangimento, mas assim, não foi uma coisa grave, mas não foi uma coisa natural, foi uma coisa engraçada” (Nicolas).

“As únicas que eu tive foram no ensino médio e oficinas realizadas por estagiários da [nome da universidade pública], geralmente o pessoal da Biologia que eles tinham que fazer estágio e acabavam fazendo essas atividades como oficinas. Era um conteúdo curricular aquela coisa de parte fisiológica, não tinha essa relação mais pra adolescente que é mais o que você está pensando, o que está passando na sua cabeça, quais são seus problemas, é bem por ai aquela coisa mais fisiológica e é isso que acontece, DSTs e essas coisas” (Miguel).

A temática orientação sexual faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e visa trabalhar os seus conteúdos de modo transversal nas disciplinas curriculares.

Os PCNs propõem que “[...] o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa” (Brasil, 1997, p.121). Por isso é relevante que o educador se prepare para abordar o tema com seus alunos.

No contexto escolar, de acordo com Maia e Ribeiro (2011), a educação sexual deve abranger temáticas preventivas como saúde sexual e reprodutiva, discussões sobre os relacionamentos sociais, a cidadania e os direitos humanos.

Segundo Oliveira (2009), o educador precisa despir-se dos seus valores, preconceitos e tabus, para abordar as questões teóricas, leituras e discussões sobre a temática. É importante também motivar os estudantes a participarem das atividades para eliminar preconceitos e permitir reflexões relacionadas à busca de felicidade e prazer.

Verifica-se que, a escola como força formadora de *habitus* não tem cumprido efetivamente seu papel de transmissor de capital cultural quanto a proporcionar educação sexual aos estudantes mesmo com respaldo dos PCNs. Apesar disso, os jovens revelam que foi importante para o desenvolvimento pessoal de cada um ter entrado em contato, apesar de breve, com o tema em sala de aula. Dos relatos, apenas Enzo conta que não se recorda se teve aulas de educação sexual.

“Eu acho que as informações que eles passaram a gente sempre tem, então eu já sabia. Com certeza sempre uma informação desse tipo é importante” (Lorena).

“Eu acho que foi, porque meus pais, eles tem muita vergonha de, pelo menos eles nunca conversaram comigo sobre isso. E eu acho que a gente, a professora passando isso, você tem uma cabeça a mais. Não que isso é errado, mas, por exemplo, eu posso pegar uma doença, alguma coisa assim, ou tem que me prevenir” (Ágata).

“Sim” (Estefânia).

“Ah, eu acho que foi de alguma maneira a gente sempre carrega essa coisas pra vida. Às vezes a gente não se dá conta, nessa questão específica, eu nunca parei para pensar, mas várias coisas que eu vi na escola quando criança, às vezes parando para pensar, a gente faz uma disciplina de didática aqui que a gente tenta rememorar os anos nossos de escolarização, então você meio que para pra pensar que tem algumas coisas importantes pra você que você nem acha que tinha e aí você para pra pensar e faz diferença na sua vida, mesmo que você é muito novo, nesta questão específica eu nunca parei pra pensar, mas deve ter sido bom sim porque é uma área do conhecimento humano e é importante saber sobre isso, sobre a sexualidade e essas coisas. E até em minha condição de professor eu preciso saber trabalhar com isso. Eu fiz uma disciplina com [nome do professor], é importante trabalhar porque eu acho que na verdade nós não sabemos trabalhar com isso, os professores. Eu acho que é uma questão difícil porque você lida com muitos públicos e não é todo mundo que está na mesma pegada para falar da sexualidade. Por exemplo, se você trabalhar em uma escola de periferia, não é todo mundo, mas

“você lida com família conservadora e daí a pouco você tem de lidar com um currículo desse e lidar de uma maneira que não vá gerar um problema pra família, então é um pouco complicado. E ao mesmo tempo você não pode ficar temeroso porque você não sai do lugar. Então é uma questão que se precisa mesmo em educação” (Nicolas).

“Acho que a principal é você ter um espaço fora, ainda dentro da instituição da escola, mas um espaço formativo. Apesar de esse conteúdo ser bem curricular, existia a ideia de você estar em um diálogo mais aberto. Foi válido por isso pelo primeiro momento ter uma desmistificação de certa forma, porque naquela época era tabu” (Miguel).

Sobre ter aulas de educação sexual na licenciatura, Lorena e Enzo disseram que não tiveram até o momento da entrevista; Ágata também disse que não, mas participou de um minicurso sobre a temática na universidade. Já Estefânia disse ter participado de palestra sobre educação infantil e sexualidade: “foi rápido, mas bem válido”. Por fim, Nicolas e Miguel disseram que somente no quarto ano da faculdade tiveram uma disciplina sobre história da sexualidade.

“Sim, foi só [nome do professor], foi no quarto ano, um semestre, suficiente nunca é, mas se for pensar em todas as disciplinas, nenhuma é suficiente, a gente tem que dar conta da grade, do tempo do curso e acaba ficando isso, mas eu acho que o tempo dele é bom pra trabalhar. Só acho que algumas questões da prática nós deveríamos pensar mais. A gente viu bastante teoria, história da sexualidade, e eu achei muito legal, mas algumas questões da prática eu ainda, eu não sei se eu preciso vivenciar a prática pra ver o que vai dar, mas eu sinto que não estou preparado, eu acho que estou preparado, mas é a hora que eu trabalhar que vou vivenciar isso” (Nicolas).

“Tive uma matéria obrigatória que acrescenta em ter uma percepção maior do que é ter a sexualidade, pela matéria ser um panorama mais histórico, a onde você entende o comportamento sexual, possibilita pensar muito mais e não ver as coisas com naturalidade, e não naturalizar tudo. Entender que tudo foi um processo, uma construção e entra principalmente a questão da sexualidade” (Miguel).

A disciplina que cursaram proporcionou a Nicolas e a Miguel refletirem sobre sexualidade e como abordar o tema em sua prática em sala de aula. Nesse contexto, os jovens relataram que o contato com educação sexual na trajetória escolar foi importante para o desenvolvimento pessoal como futuros professores.

“Sim, porque ela [a profissional que ministrou o minicurso] ensinou a como passar para as crianças como futuros pedagogos, ela mostrou como passar e que não é um bicho de sete cabeças também. Ela mostrou de uma forma bem legal e descontraída como nos poderíamos passar para as crianças que não é uma coisa tão difícil assim (Ágata)”.

“Sim, porque ela [professora que ministrou a palestra] ainda falava muitas vezes pra gente não tornar esse assunto como se fosse, nossa, muito assustador para a criança, porque ela tem curiosidade e ela vai querer saber sobre e os pais nunca conversam sobre isso na maioria das vezes, então, ela falou pra gente tratar sempre com calma, esclarecer para as crianças sobre isso” (Estefânia).

“Depende do conteúdo, se fosse um conteúdo que abrangesse do tipo, as crianças né. Porque elas também se relacionam, caso de namoradinhos na escola e tal, aí sim, mas se fosse só aquela questão do biológico não faria tanta diferença” (Enzo).

“Eu acho muito importante. Eu gostei muito da disciplina do [nome do professor] assim, eu achei bem legal, me fez pensar em várias coisas que eu não conhecia da história da sexualidade mesmo, eu acho essencial para o professor, mas só puxando essa questão da prática, de responder algumas questões ou situações, mas pode ser que situações não deem para responder, são coisas que acontecem e você precisa ver o que vai fazer. Você pode fazer estudos de casos, como a Psicologia faz, mas de repente na prática aconteça uma coisa que você vá ter lidar na hora. Mas eu achei a disciplina superimportante, achei super válida e essencial para o professor” (Nicolas).

“Justamente a questão que a partir do momento que você não naturaliza a questão te permite uma reflexão crítica sobre tudo o que acontece. Ainda mais dentro da Pedagogia que essas questões são tabus por se tratar de crianças e até mesmo porque a relação dentro da escola é uma relação de maior poder, principalmente se você vai tratar de crianças menores, na hora de tomar banho é menina pra cá e menino pra lá, te permite pensar que certos comportamentos eles são, alguns comportamentos são esperados, por uma série de motivos, se você pensar que hoje a criança, mesmo a criança pequena que está inserida nessa sociedade, você começa a perceber que certos comportamentos são induzidos, certos comportamentos não são tão naturais quanto a gente imagina” (Miguel).

A partir do conhecimento adquirido sobre educação sexual, os jovens se posicionaram sobre a pretensão de aplicar o conhecimento sobre sexualidade aos seus futuros alunos. Lorena respondeu que sim, Enzo também, mas relatou que abordaria o tema com alunos acima de 10 anos de idade. Ágata, Estefânia, Nicolas e Miguel, por sua vez, ressaltaram a importância da educação sexual na escola como se observa nos trechos a seguir.

“Com certeza. Eu acho que é importante também. Ainda mais agora essas futuras gerações né, porque a gente já, a nossa geração já era meio, vamos dizer assim louquinha, agora e as que estão vindos mais ainda. Eu acho que é importante a gente ir passando essas coisas assim pra eles aprenderem o que é o certo e o que é errado e se prevenir” (Ágata).

“Sim, na verdade, eu estou em uma sala de quarto ano e eles não têm nada sobre isso, e eles estão em uma idade de conhecer e eu já penso nesse ponto, meio que dar uma aula ou coisa assim, eu acho que é bem útil pra eles, porque eles estão em uma idade de se conhecer. A partir do C1 que eles têm três anos já dá para trabalhar um pouco disso” (Estefânia).

“Sim, educação sexual tem estar dentro da escola. Sou super a favor porque é uma dimensão da vida humana e faz muito parte e tem que ser trabalhado sim” (Nicolas).

“Eu estou em um momento, embora esteja no último ano, que não estou conseguindo pensar no que vai ser pra frente, é o momento de entrar em sala de aula e descobrir como é ser professor. Mas eu espero que tudo que eu absorvi da minha graduação seja útil no momento em que eu estiver dando aula. Só essa disciplina é pouco, mas ela te faz pensar, parar de naturalizar tudo, mas a universidade tem outros espaços formadores, não só a sala de aula, tem ciclo de seminários, correlacionado com a sexualidade, aqui em [nome da cidade] tem o [nome do Núcleo de Estudos], se você se depara com uma situação dessa e não sabe lidar, pelo menos você sabe onde tem suporte, além do próprio suporte de você ir pesquisar, você pesquisar

conteúdos, criar suas práticas, mas a formação é importante para você não cair no mundo do tabu. Você não acabar reforçando um tabu e preconceito que já existe” (Miguel).

Nota-se a pretensão dos jovens em transmitir o capital cultural apreendido na universidade, ou seja, seus conhecimentos sobre sexualidade para seus futuros alunos. Esse dado indica que a discussão sobre o tema na grade curricular dos cursos de licenciatura contribui para que os estudantes reflitam suas práticas como docentes e deslumbrem abordar o tema dentro da sala de aula quando lecionarem.

Altmann (2005) destaca o papel democratizador da escola na divulgação das informações sobre sexualidade. A autora diz que as conversas sobre sexo não acontecem em todas as famílias, por isso, na escola, essa educação pode atingir a todos na transmissão de um conjunto de saberes e técnicas relacionadas à sexualidade.

Leão (2009), em estudo sobre a inserção de temáticas de sexualidade e orientação na formação de alunos do curso de Pedagogia da UNESP/Araraquara, concluiu em seu trabalho que os estudantes carecem de uma formação adequada quando se trata do tema sexualidade, pois o assunto é deixado à margem do ensino durante a graduação. Esse dado, segundo a autora, é um panorama do Brasil, tendo em vista que as coordenações dos cursos reconhecem a necessidade do ensino específico em sexualidade, mas que deixam o assunto para segundo plano ao priorizarem outros temas considerados pertinentes à formação do educador.

Verifica-se que, uma disciplina ministrada durante um semestre não é suficiente para abordar todo o conteúdo sobre o tema sexualidade que permita ao futuro professor trabalhar em sala de aula com seus alunos, mas, por outro lado, o instiga a iniciar os estudos na área para que no futuro possa transmitir esse conhecimento.

Ainda no universo do ensino superior, os jovens ressaltam que faz parte do *habitus* dos graduandos conversarem sobre sexualidade no ambiente universitário. De acordo com os participantes, exceto Lorena que relata que não ouve falar sobre o tema, os demais disseram que os estudantes falam de maneira normal e aberta sobre sexualidade. Percebe-se nos relatos que o assunto na maioria das vezes está relacionado às estratégias profiláticas, ou seja, manter a saúde biológica ou social do grupo, prevenindo doenças e a gravidez indesejada. Além disso, há questionamentos com o intuito de tirar dúvidas sobre aspectos dos relacionamentos que estão vivenciando e/ou que já terminaram.

Evidencia-se também, a distinção de gênero quando os rapazes relatam conversar sobre a temática na universidade com os jovens, e as moças apenas com outras jovens.

“Eu não ouço muito assunto sobre isso, então pelo menos no meu grupo a gente quase não fala” (Lorena).

“Eu acho que é falado de uma forma aberta. Todo mundo consegue passar assim sem falar alguma coisa. É que a gente nunca parou pra ficar falando disso. Mas a gente já comentou. Depois do minicurso que a gente teve, eles comentam alguma coisa, mas não é profundo. [De forma] tranquila, tranquila, como se fosse um bate papo assim bem tranquilo. Eu mais que as meninas sempre comentam é sexo, preservativos. Essas coisas, porque quando a gente tá conversando a gente fala. De doenças não, a gente nunca parou para falar sobre isso. Gravidez a gente sempre fala bastante. A maioria fala que é depois da faculdade, depois que tiver uma vida segura, assim, sabe, você está trabalhando, você ter certeza daquilo que você quer. E agora todo mundo da minha sala é novo, tem até 25 anos ou menos então elas não pensam muito em eu vou ficar grávida, só falam que vão esperar mesmo” (Ágata).

“Bem abertamente, demais. Entre as meninas que eu tenho mais intimidade eu pergunto alguma coisa sobre ou conta alguma coisa. A maioria que namora conta alguma coisa que aconteceu. Eu namoro faz dois anos, troca dúvidas com as amigas mais íntimas” (Estefânia).

“Normal, amigos né, como se fosse irmãos conversando, tudo. Qualquer relação que for de namorada. Eu sou o único que namora. Mas meninos, mas também sempre teve meninas. Aqui na faculdade é diferente, só meninos (grupo)” (Enzo).

“Meu círculo social é meio escasso, eu não sei dizer muito, das reuniões que eu tive, passa mais das meninas que você está ficando, dos caras que você está ficando, namorando, mais das relações que estão acontecendo” (Nicolas).

“A graduação inteira eu nunca tive muitos amigos pra falar a verdade, o que a gente falava era sacaneando, tirando o sarro. Mas é aquela coisa, talvez seja a ideia que toda piada tem um fundo de verdade, mas a gente nunca conversou muito abertamente, até porque eu engatei de um namoro para outro, a segunda menina que eu namorei durante a universidade eu estou até hoje então é aquela coisa de homem, se você está namorando você não expõe sua vida, então se você fala é de alguém que você não está junto ou do que aconteceu e não do que está acontecendo” (Miguel).

No âmbito desta pesquisa, refletir sobre a opinião dos jovens com relação à educação sexual possui sua relevância na medida em que faz parte do *habitus* dos adolescentes iniciar sua vida sexual cada vez mais cedo. Segundo uma pesquisa nacional de saúde do escolar realizada em 2012, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o pelo Ministério da Saúde, 28,7% dos estudantes entre 13 e 15 anos de idade já tiveram sua primeira relação sexual. Dessa forma, a educação sexual no seio familiar e no contexto escolar tem papel relevante no desenvolvimento pleno do indivíduo.

4.3 Os significados de sexualidade e educação sexual para os jovens

A sexualidade é definida por Bourdieu (1999) como “[...] efetivamente uma invenção histórica, mas que se efetivou progressivamente à medida que se realizava o processo de diferenciação dos diferentes campos e de suas lógicas específicas.” (p.123). Nessa perspectiva, colocam-se a seguir as falas dos participantes quando foram questionados sobre o

que é sexualidade. Os dizeres não apresentam regularidade nesse quesito, mostrando que faz parte do *habitus* dos entrevistados vincularem a sexualidade com o sexo, as relações de gênero, relacionamentos parentais ou amorosos, e a diversidade sexual.

“Essa é difícil [risadas]. É difícil pensar. Porque pode abranger um monte de coisa. O que é sexualidade? Não sei. Uma relação de afeto talvez. Porque pode ser também de, não sei, pai e filho. Eu acho que é bem amplo que pode envolver, pode tanto incluir amigos, tanto envolver parte amorosa, tanto envolver família. Mas eu não consigo pensar em um [aspecto]” (Lorena)

“Tudo que envolve sexo, mas não só gênero, mas o ato assim, eu não sei explicar direito. Eu acho que tudo que envolve esses dois [gênero e ato sexual], sabe, eu não sei explicar direito” (Ágata).

“Eu acho que pra ter essa relação eu acho que precisa de amor assim, porque não basta só você conhecer uma pessoa, vamos supor na balada e sai e vamos sair e acontece, não sei eu acho que, eu não sou assim, não consigo ser tão fria assim digamos. Eu acho que precisa de uma intimidade de um sentimento pra rolar. Eu acho que basicamente afeto, não só ter o ato sexual, mas ter afeto. Tipo hoje em dia como está muito aberto esse assunto não é só um ato entre mulher e homem, engloba todo mundo, e principalmente aqui na universidade a gente vê bastante. E também não tem preconceito aqui sobre isso que eu vejo você pode falar abertamente, você pode se expressar” (Estefânia).

“Toda relação amorosa. É a partir, depois da amizade entre homem e mulher e mesmo assim uma intenção, intuito a mais. É o interesse pelo sexo oposto, pelo mesmo, talvez faz, não sei [risadas]” (Enzo).

“Eu acho que é uma dimensão do homem, dos animais, dos homens, do ser humano. E acho que ela é essencial pra vida. Eu acho que é isso, uma dimensão da vida humana, eu acho que é como beber, como comer, mas é uma coisa que faz parte da vida. E tem gente que vive sem sexualidade que eu sabia, que é diferente de comer, que você não vive sem comer, mas mesmo assim é uma dimensão das pessoas. As pessoas que vivem uma sexualidade boa vivem bem assim, eu acho que é uma coisa boa, importante. É uma dimensão importante das pessoas, dos seres humanos” (Nicolas).

“Sexualidade é uma série de comportamentos, antes de tudo, que envolvem ou não exatamente a relação sexual. A sexualidade basicamente define em muito o indivíduo talvez não pela própria definição do indivíduo, mas também de todo meio que ele está inserido. Você pensar que hoje você tem uma mídia totalmente sexualizada é uma vantagem por abrir o diálogo por permitir que pessoas falem abertamente sobre isso, mas por outro lado ela acaba se cerceando em muitas coisas, te dando muitas definições que muitas vezes as pessoas não se veem nessas definições. Essa série de comportamentos que envolve ou não a relação sexual” (Miguel).

Observa-se nos relatos de Lorena, Ágata, Estefânia e Enzo certa dificuldade ao descreverem o que é sexualidade, se limitando à dimensão dos relacionamentos amorosos e ao sexo, ao contrário de Nicolas e Miguel que explicam a sexualidade de modo abrangente não se limitando a um aspecto da sexualidade, demonstrando o capital cultural adquirido na universidade, já que os mesmos estão no último ano do curso.

Em relação à educação sexual, de acordo com Maia e Ribeiro (2011) “[...] as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento constituem os elementos básicos do processo que denominamos educação sexual” (p.76). Dessa forma, os indivíduos que recebem orientações de educação sexual podem tomar decisões mais conscientes no decorrer de sua vida quando se trata de situações ligadas à sexualidade.

Figueiró (2013) explica que existem dois tipos de educação sexual, a informal, que acontece quando o ensino não é planejado e é realizado nas ações diárias; e a formal, que consiste no ensino planejado sobre sexualidade, seja realizado nas escolas, em igrejas, em postos de saúde ou em outros lugares.

Dessa forma, os elementos que se destacam nas falas dos jovens entrevistados constituem parte do *habitus* dos participantes quando eles vinculam educação sexual com sexo, relação de gênero, relacionamentos amorosos, métodos contraceptivos, DST; e também quando criam espaços para trocar ideias e experiências, tirar dúvidas, informar e pesquisar, além de desmistificar alguns valores e preconceitos.

“Educação sexual na escola seria mais a parte de relacionamento. [Ficou pensativa]. Bom eu vou trabalhar com criança, então, nossa com criança é mais difícil ainda, não dá só pra explicar tem que mostrar. Criança tem que ser mais no concreto” (Lorena).

“Quando você tenta explicar de uma forma aberta, não sei, pra uma pessoa, criança. São os gêneros, não sei, falando. Eu não penso mais nesse menino nessa menina, tentando colocar em um âmbito mais dinâmico. E o sexo também, métodos contraceptivos, essas coisas” (Ágata).

“Eu acho que é você saber como agir e o porquê, você não sair fazendo coisa pra que depois você vai se arrepender. Ter uma educação é você saber o que é aquilo, sobre aquilo, não é você falar só eu sei, mas você tem que ter uma aula sobre isso, um acompanhamento. Uma roda de amigas vamos supor, uma fala o que acha e outra tira dúvidas, mas também troca experiências e não precisa ser uma professora vamos supor pode ser em uma roda de amigos ou entre mãe e filho. Não é você chegar e tirar suas dúvidas e falar é isso, você tem também que pegar um ramo mais aberto, não falar apenas sobre sexo, você tem que falar sobre os contatos, os perigos que tem. [Perigo] Focando a criança eu imagino que tem muita gente maliciosa, ela não vai saber o que é e o que não é [abuso] e que vai chegar pra criança e ela vai acreditar, vai dar um doce e ela vai sem problema. E a maioria das crianças não chega e falam para os pais elas ficam guardando pra elas. A conversa com os pais mesmo que for pequena. Mas a gente vê muito assunto de criança que sofreu abuso com três aninhos então se começasse desde aí elas entenderiam o que pode e não pode” (Estefânia).

“Pelo que eu tive é a informação de tudo que o ato sexual pode levar desde as doenças e como é feito, o que causa toda a anatomia. Acredito que só, as reações químicas” (Enzo).

“A educação sexual é trazer um pouco isso, pra sala de aula e para um momento de conversa mais coletiva, mas social, porque como sendo uma coisa importante para as pessoas, uma dimensão do ser humano, então, é promover esse espaço de discussão, de falar, porque as pessoas podem ter dúvidas, não conversar com ninguém sobre isso, então é isso, no sentido de orientar, mostrar o leque de possibilidades, que você pode experimentar a sexualidade que não é

uma coisa exclusiva, uma coisa única, cada um pode ter a sua, tirar preconceitos se tiver, orientar em termos de saúde porque envolve um pouco a saúde humana, nesta questão da camisinha orientar, acho que é isso um papel formativo e debatedor, pra conversa. Acho que a educação sexual deve se voltar para esse lado” (Nicolas).

“Acho que a educação sexual compreende em desmistificar esses valores que a gente tem e justamente a partir do momento que você desmistifica você quebra o tabu e permite maior autonomia para o sujeito para ele falar do jeito que ele pensa, para ele se expressar do jeito que ele pensa justamente para entender os mecanismos que a sociedade utiliza como forma de controle e tudo mais que não são, eu acho que é bem isso, essa questão do valor é importante você entender o que se passa na sociedade, se entender como indivíduo, a questão fisiologia também é importante, eu não saberia definir o que é, é um âmbito muito maior que a questão fisiológica, mas se você começar a desdobrar você acaba indo para caminhos que você não sabe onde vai parar” (Miguel).

A educação sexual deve preparar o indivíduo por meio do uso responsável da liberdade (Cavalcanti, 1993). Entretanto, é necessário considerar a singularidade de cada indivíduo, a partir do pressuposto de que não há uma verdade absoluta de como vivenciar a sexualidade (Maia & Ribeiro, 2011).

Como se nota, a educação sexual é essencial na trajetória de vida de cada um. A transmissão das informações referentes à sexualidade deve abordar inúmeras discussões como anatomia, gênero, homossexualidade, saúde sexual, afetividade, relacionamentos, entre outros. Essas discussões, em seu conjunto, contribuem para o desenvolvimento e o crescimento pessoal das pessoas, possibilitando aos indivíduos alcançarem maior satisfação durante suas experiências ao longo da vida.

4.4 O “ficar” e suas representações

Refletir sobre o comportamento sexual dos jovens na atualidade é imprescindível, pois a juventude é uma fase da vida caracterizada por grandes mudanças, como o ingresso no ensino superior, a busca por emprego, entre outros aspectos.

De acordo com o relato dos jovens entrevistados, o “ficar” é caracterizado pela falta de compromisso, sendo visto como um momento para conhecer o (a) parceiro(a), ou um momento de diversão, de beijar e não ter compromisso sério; não há necessidade de se envolver emocionalmente com a outra pessoa ou de criar vínculos, entretanto, pode ser o início de uma relação que pode evoluir para o namoro.

Os relatos evocam então, a superficialidade do “ficar” pelo não comprometimento com a outra pessoa, mas ao mesmo tempo não estabelecer vínculos é visto como evitar o medo ao se mostrar para a outra pessoa, como relata Enzo é “uma forma da pessoa se resguardar, de fechar as emoções para ela mesma e não expor para outra pessoa de uma

forma, entregue de forma rápida”. Miguel enfatiza que isso se dá em virtude do curto tempo da relação.

“Bom atualmente pelo o que vejo pelas meninas, pelo que observo, é uma maneira de conhecer outra pessoa, iniciar uma relação [ficou pensativa] até mesmo uma distração pra se divertir” (Lorena).

“Eu acho que não é um relacionamento amoroso, é um ato que acontece na hora que você está com vontade de beijar alguém naquele momento, mas não é uma coisa que é (...) ficar com aquela pessoa sempre, é pontual mesmo você não precisa ter vínculos com a aquela pessoa” (Ágata).

“É você beijar uma pessoa sem querer um relacionamento sério. O ‘ficar’ uma noite, você conhece a pessoa fica com ela e está bom. Uma [pessoa] vai para o canto e a outra vai para o outro” (Estefânia).

“É só um caso de um dia só pelo menos, algumas horas só. A pessoa que você acha interessante é algo físico só. É aquele lance que você acha bonita, mas você está em uma festa e só quer ficar, não tem interesse de conhecer. Ou pode ser o medo da pessoa de não querer conhecer ninguém, se mostrar de como é de verdade, [medo] mostrar para outra pessoa como ela é, prefere não ter relação, um vínculo” (Enzo).

“Acho que o ficar é uma porta de entrada, uma primeira experiência que você vive com outra pessoa. Antigamente não sei se era assim, mas as pessoas tinham que casar e casar e hoje você pode conhecer melhor a pessoa, e conhecer melhor a pessoa nesta questão do sexual, não necessariamente o ato consumado em si, mas quando eu falo em sexualidade, eu falo em beijo e tudo, o abraço, o carinho e tal. Então esse ficar pode ser compreendido por esse primeiro momento e eu acho que ele tem essa dimensão de você não ter um compromisso muito certo, muito fixo entre essas duas partes. Você está no momento mais de se conhecer mesmo, está no momento mais solto assim, então pra mim o ficar é esse primeiro momento” (Nicolas).

“Acho que o ficar é a falta de compromisso em uma relação, porque o que envolve o ficar, você ter a apreciação por uma pessoa, você se identificar com ela, bem diferente do namoro, você não tem um compromisso duradouro, você pode encontrar uma pessoa em uma festa, ficar, sair da festa e pensar que não aconteceu nada e não se envolver emocionalmente com uma pessoa, se encontrar em outro lugar e levar como um nível de amizade. Diferente do namoro que envolve um relacionamento emocional. Talvez porque hoje é tudo muito rápido, se consome tudo muito rápido, essa falta de sentimento seja uma forma da pessoa se resguardar, de fechar as emoções para ela mesma e não expor para outra pessoa de uma forma, entregue de forma rápida” (Miguel).

Os depoimentos revelam também que faz parte do *habitus* dos jovens o ato do “ficar”. No momento das entrevistas, quatro dos entrevistados afirmaram estar em um relacionamento sério (Lorena, Estefânia, Enzo e Miguel). Ágata e Nicolas que estão solteiros, disseram que ficam com pouca frequência.

“Sabe eu nunca falei eu fiquei, sabe eu nunca tive assim. Eu sempre achei esse negócio de falar ficar meio sei lá, eu não gosto [do termo]. Pouca, poucas vezes [frequência]. Ah eu tinha uma relação assim dois meses, às vezes ficava com um, um dia, ou aquelas amizades coloridas. Era amigo e quando você via ficava. Ai depois conversava, conversava, conversava e não tinha nada depois” (Lorena).

“Fico. Não é com tanta frequência, não é em todas as festas que eu vou, eu acho que é só de momento mesmo. Quando eu acho que é legal [pessoa] eu fico, mas não é com frequência” (Ágata).

“Sim, ah, tipo quando eu saía eu ficava às vezes, com dois, um, depende do lugar também. Eu ficava frequentemente em festas às vezes, em churrasco ou sei lá, mas em festa, mas em balada. Principalmente em balada acontece muito, pois você conhece a pessoa e ela fica e depois sai de lá e quer outra coisa do beijo passa outras atitudes, sexo talvez” (Estefânia).

“Não sei dizer se é muito ou pouco. Talvez uma ou duas, ou mais cinco, seis” (Enzo).

“Ultimamente não estou ficando com ninguém, não estou pegando ninguém como se diz, mas eu não fico com muita, muita frequência assim, nesse sentido eu sou meio diferente. Talvez eu seja um cara mais tímido e nunca fui um pegador, um cara que ficava isso desde sempre, desde adolescente, sempre fui um cara mais reservado mais tímido. Tinha dificuldade para chegar e conversar com mulher e tal, e como sempre recai mais para o homem então. Hoje em dia está mais os dois, eu acho isso legal pra caramba, mas não sei se sou de outra época, quando era adolescente essa questão do homem chegar era mais forte e eu sempre fui um cara mais tímido e então. As minhas frequências de ficar, eu não sei te dizer um número, mas nunca foi muito, e sempre fui mais fixo assim” (Nicolas).

“Eu não ficava muito não. Desde os primeiros beijinhos no colegial foram três ou quatro, não era muita coisa, até porque não é muito diferente de sete anos atrás, mas eu não ia muito para festas, saía com amigos para ir ao cinema que era aonde acontecia, as pessoas ficavam. Então foram ocasiões bem pontuais bem por isso mesmo, justamente onde aconteceu e onde aconteceu mais” (Miguel).

De acordo com os participantes, quando eles ficam ou ficavam com alguém e achavam bom, costumavam manter contato com as pessoas usando principalmente as redes sociais; no caso de já conhecerem a pessoa, os entrevistados informam que continuavam a amizade normalmente. Sendo assim, observa-se que os jovens cultivam o *habitus* de se comunicar com os ficantes tanto por redes sociais quanto pessoalmente, no caso de já terem algum vínculo ou contato.

“Esperava que a pessoa voltasse a me procurar ou eu mantinha contato com ela. Se encontrar, conversava, mas não ligar, ficar atrás, iniciando uma conversa, se encontrava era um oi tudo bem como você está. Isso até [adicionar no Facebook] mas sem iniciar a conversa” (Lorena).

“Só redes sociais, Facebook, e só, é o que eu sempre pego. E até celular eu fico receosa de trocar, mas só. Só Facebook mesmo, porque você pode excluir, bloquear e celular você não tem aí eu tenho medo dessa parte. É só mesmo rede social” (Ágata).

“Na maioria das vezes não, se eu ficava com alguém que eu já conhecia continuaria a amizade, mas na maioria não era mesmo, só o ficar sem contato. Desconhecidos, se eu já tivesse ficado com ele e um foi pro canto e o outro pro outro, às vezes eu tentava uma amiga minha lá pedir. [Pedir pessoalmente] depende da pessoa, se ele me desse mais liberdade aí sim. Se eu ficasse com vergonha eu pediria pra outra pessoa” (Estefânia).

“Eu achava interessante, é instinto pro homem né, quanto mais, melhor. Talvez depois conversava se tivesse Facebook, mas não passava disso também. Não tinha depois disso” (Enzo).

“Eu costumo entrar em contato com a pessoa, e abrir o canal de relacionamento e continuar ficando de novo, e se der certo pode até virar um namoro. E vira essa questão de namoro que é essa questão mais fixa. Eu sempre fui meio, se parar para pensar sobre o meu histórico, é mais internet, mas não tanto Facebook, Facebook foi só um caso que eu tive mais recente. Mas as minhas fiances e namoradas eram por internet, tipo chat do ICQ, do MSN Messenger, essas coisas, Orkut e tal. Eu sempre fui internético nesse sentido e não só nesse sentido, mas para vários sentidos. Pegar o contato da pessoa da internet e tentar conversar com ela, eu acho que é mais internet mesmo” (Nicolas).

“A menina que eu fiquei mais tempo foi uns dois meses de se encontrar sempre, de sair sempre e conversar. É que nos moldes da época você não falava é um namoro justamente porque não rolava essa identificação emocional era mais uma coisa que acontecia em alguns momentos. Era mais internet, na época o principal meio de comunicação era o Orkut, ah me adiciona no Orkut, era a forma de contato que a gente mantinha” (Miguel).

Os relatos permitem identificar ainda, que não há uma regularidade entre “ficar” com conhecidos ou desconhecidos, mas que a regularidade se manifesta na situação que permita a chance do “ficar”, independente de se conhecer ou não o parceiro eleito.

Os trechos a seguir ilustram essa característica. Para Lorena, por exemplo, o fato de se conhecer ou não o ficante é indiferente; já para Ágata, Enzo e Miguel a preferência é “ficar” com conhecidos; enquanto Estefânia revela que prefere “ficar” com desconhecidos; Nicolas afirma que depende da situação e revela sua dificuldade em receber um não de uma pretendente.

“Eu acho que os dois. Mas se você fica com conhecidos você tem amizade você leva o relacionamento mais a sério, mas se você fica com desconhecido às vezes não, pode ocorrer, mas é só mais pelo ficar. Mas também quando você desconhece a pessoa você passa a conhecer, saber o que ela tem de bom e ruim para depois começar um relacionamento mais sério, então ela passa a ser uma pessoa conhecida” (Lorena).

“Conhecidos de não muito tempo, mas assim se você chegou em uma festa e vê ele, eu acho que é mais fácil você conhecer a pessoa de vista e dizer oi do que não conhecidos. Pra mim é mais difícil. Só fico mesmo com pessoas com quem eu tenho contato. Já aconteceu de eu ficar com um amigo, mas depois a gente mudou de grupo de amigos e depois eu nunca mais falei com ele” (Ágata).

“Acho que desconhecidos porque os conhecidos era o que mais ficava falado porque um fala pro outro eu já fiquei com ela. Na rodinha dos amigos rolava os assuntos né” (Estefânia).

“Mais fácil era com conhecidos. Bem pouco, não se fala muito, mas conhece, já conversou uma ou duas vezes. Porque às vezes uma desconhecida te intimida. E ela não vai ter interesse, você vai ter que se apresentar” (Enzo).

“Essa é uma boa pergunta. Eu acho que depende, às vezes você conhece uma pessoa e você não está sabendo muito, às vezes isso acontece comigo, qual que é dessa pessoa, se ela quer ter

só uma amizade com você ou se ela quer alguma coisa a mais, ficar com você, por exemplo. Então você fica nessa tensão e aí é difícil, pelo menos pra mim é difícil porque eu tenho dificuldade de tomar não. Aí é muito chato, você estabelece uma relação com a pessoa que está em uma relação de amizade legal e está pensando se ela quer ficar com você e aí você pede pra ficar com ela e não era tudo isso entendeu, era uma relação muito chata. O que talvez em uma relação com uma pessoa que você conhece na balada seja menos, mas pra mim, eu sofro influência de qualquer jeito, eu sou meio chorão nesse sentido. O ‘não’ é totalmente difícil, então eu tomar não de uma pessoa desconhecida pra mim é ruim também. O conhecido o peso de tomar um não é maior. Agora quanto ao ficar deve ser a mesma coisa, porque envolve você cortejar, flertar a pessoa, envolve as mesmas coisas, falar com a pessoa, então eu acho que deve ser a mesma coisa, não deve ter coisa mais fácil e mais difícil. E na questão do ‘não’ é mais difícil você levar um não de quem você conhece” (Nicolas).

“Era sempre alguém da roda de amigos, pelo menos era a amiga de fulano que quer ficar com você ou eu queria ficar com amiga de fulano. Era a época que você estava tentando experimentar isso. Então o primeiro contato físico e emocional embora eu tenha dito que defino o ficar como não tendo esse envolvimento emocional sempre acaba tendo em um momento ou outro. Então você ficava nessa ‘ah eu não vou chegar em uma pessoa que eu não conheço’, ‘aquela é bonitinha mas eu não vou chegar’. Era a ideia do telefone sem fio, ah fulano falou que alguém quer ficar com você [era mais fácil ficar com conhecidas]” (Miguel).

Neste contexto, o espaço social tende a aproximar ou distanciar os indivíduos no espaço físico, sendo assim, o estabelecimento das relações afetivo-sexuais de agentes que pertencem ao mesmo grupo social é facilitado pelos encontros dos ficantes nos mesmos ambientes como também ressalta Silva (2002).

Observa-se, que faz parte do *habitus* desses jovens permanecer com o mesmo ficante por pouco tempo (alguns meses) e que após esse período pode ou não se estabelecer um relacionamento sério.

“Sei lá um mês, dois meses” (Lorena).

“Já, já aconteceu mais foi coisa de três meses no máximo” (Ágata).

“Ficar [mais prolongado durou] dois meses eu acho” (Estefânia).

“Uma semana [no máximo]. Com a minha namorada eu fiquei um mês antes de pedir pra namorar” (Enzo).

“Acho que o tempo maior é quando a ficada vai dar certo e virar namoro, acha que é no máximo dois meses, uma coisa que você deixa de ficar e começa a namorar. Nunca calculei, mas acho que são dois meses. Mas aí já é aquelas pessoas que vai virar namoro mesmo. Mais que isso eu não vejo sentido de você apenas ficar com uma pessoa só por ficar. Só se for um momento de muita carência assim, mas você curte ou não curte pelo menos eu sou assim, e acho que depois desse tempo não tem mais porque assim” (Nicolas).

“O mais longo foram dois meses” (Miguel).

A partir dos relatos, observa-se também que o “ficar” pode ser uma etapa anterior ao namoro, sendo ele parte integrante do comportamento naturalizado (*habitus*) desses jovens. Para cinco dos entrevistados, o “ficar” se transformou em namoro, como no caso de Nicolas, cujo relacionamento teve duração de seis anos. Conforme apontou Castro, Abramovay e Silva (2004) “[...] percebe-se que não há contornos rígidos que determinem a impossibilidade do *ficar* se transmutar em uma relação de namoro.” (p.91).

“Geralmente eu fico com as pessoas para uma coisa mais séria, porque eu não sou muito de ir em festas, eu não gosto de ficar só por ficar. O último está durando dois anos e meio” (Lorena).

“Não, só ficada mesmo, até esse de três meses não era aquela coisa da gente se ver todos os dias ou todo o final de semana. Era uma ou duas vezes por mês que a gente se via porque a gente era do mesmo grupo de teatro. Era uma coisa assim mesmo só ficar” (Ágata).

“Sim, só essa [experiência], dois anos. [...] com o meu namorado” (Estefânia).

“Sim. Mas não foi só essa [namorada], dois anos” (Enzo).

“Acho que sim e o maior deles foi minha ex-namorada que a gente ficou seis anos juntos, ficamos esses dois meses e a gente começou a namorar e a gente namorou por seis anos” (Nicolas).

“Sim, minha namorada atual a gente começou ficando, começou se conhecendo, se encontrava em um lugar e outro combinava de se encontrar e a partir do momento, depois de três, quatro meses a gente percebeu que se via todo final de semana, ligava um para o outro duas, três, quatro vezes por semana, então em que pé a gente tá, foi meio um comum acordo. A gente está ficando, não, a gente está namorando. Três anos até o momento” (Miguel).

Os entrevistados relatam que a escolha do ficante depende muito do momento, sendo um *mix* de atração física, beleza, ser uma pessoa sociável, e que conversa de maneira inteligente, ou seja, os jovens valorizam o capital cultural do pretendente. Outra característica ressaltada é que os amigos são importantes no momento da escolha do ficante, sendo também responsável, muitas vezes, por fazer a apresentação das pessoas e/ou o processo de intermediação.

“Ah depende né, quando é em festa é não sei. Nada em específico, só química. [Beleza] Pra mim não. Não é o que prevalece. Porque pode ser bonito, mas pode ser muito chato também e não ter conversa. Sei lá eu gosto de pessoas inteligentes. A gente conversa” (Lorena).

“Ah, eu não escolho, eu acho que vai do momento. Você acha que você está afim e a pessoa está afim também aí rola assim, você fica, mas, senão pelo menos pra mim é assim. [Beleza] Pra mim não, vai mais se a pessoa é legal, você tem aquela conversa e a conversa flui” (Ágata).

“Ah, eu ia pelo mais bonito assim e que eu achava ai eu via se desse e se ele quisesse também ai eu ficava. Às vezes eu achava bonito e ia conversar e aí não era nada que eu pensava, eu também desencantava” (Estefânia).

“A que eu achava ser mais bonita. Que eu considero mais bonita, pelo olhar, pela afinidade. Eu prefiro não falar muito, o menos conversar melhor” (Enzo).

“Eu não sou um cara de escolher, fui mais escolhido no meu histórico, ultimamente eu tenho criado uma autoconfiança maior e estou escolhendo mais. Eu não sei explicar assim, tem que ter uma atração física, mas não é só isso tem que ter alguma coisa, eu acho que é, talvez uma projeção de uma coisa que você acha que uma pessoa seria boa para a sua vida talvez. E isso é muito subjetivo, mas isso é uma coisa tal que você olha e você sente isso, é uma primeira sensação não quer dizer que você estará certo, que você vai sair com a pessoa e conversar melhor com ela e você vai se frustrar e ver que não era nada disso. Mas atração física é importante a além dessa atração física é essa coisa a mais” (Nicolas).

“Era sempre a indicação de alguém, a pessoa já havia demonstrado interesse por você ou você demonstrava interesse por outra pessoa, mas sempre tem alguém ali intermediando a relação” (Miguel).

A conquista ou paquera com o ficante acontece por meio de conversas, amizades em comum, troca de olhares, ou por intermédio de amigos; ademais, o contato, que pode ser através de um beijo, define se a relação não passa apenas de uma ficada ou de amizade, ou ainda se pode evoluir para outro interesse.

“Conversas, você desconhece a pessoa e passa a conhecer, conversando, criando seus interesses, vai vendo os papos, eu acho que é assim que acontece. Acho que começa tudo por amizades em comum, depois você conhece a pessoa e vê se tem interesse por ela, aí você começa a conversar com ela, aí começa a rolar conversas diferentes, e você se interessa por ela e acaba ficando” (Lorena).

“Sempre começa com conversas e vai rolando, a gente vai conversando, perguntando, quando vê já ficou. É aleatório [pode ter qualquer característica física]” (Ágata).

“Quase sempre era mais olhar, quando eu gostava do menino, eu ficava olhando, quando ele olhava, ficavam as trocas de olhares. Se ele tomava atitude aí rolava” (Estefânia).

“Dependia do local. Se tivesse bebido mais era chegada dava uma dançada se rolar rolou [...] quando não é festa assim perguntava se a pessoa estava sozinha, o nome” (Enzo).

“Na verdade eu sou bem ruim disso, mas ultimamente eu tenho sido meu reto, mas não sei dizer, muitas vezes eu quis chegar para conversar com uma mulher na balada ou em algum lugar e não consegui sabe, porque sou meio travado nesse sentido. Eu acho que começa com uma conversa natural, às vezes você não dá a entender que quer ficar com a pessoa, ou você corre o risco da pessoa não ficar sabendo que você quer ficar com ela também. Tentar sentir se a pessoa responde por que como eu sou um cara que tem problema com o ‘não’, eu vou tateando, perguntando, vendo se a pessoa me dá pistas e aí vê se a coisa vai rolando, chega uma hora que eu falo, falo mais diretamente. Eu sou do time que dá uma sondada” (Nicolas).

“O intermediário era para você identificar que tinha o interesse de alguma das partes. Mas a partir do momento que você tomava coragem para ir conversar as duas principais formas da conquista e da paquera era a conversa e não adiantava você ir com a intenção de ficar com alguém e aí tudo bom e não tinha assunto. Ficava os dois de mãos dadas esperando alguma coisa, cair um meteoro do céu. Tipo se tinha um papo interessante, os dois gostassem das mesmas coisas já era um ponto positivo. E outra coisa também era o contato físico, o próprio beijar, o jeito que você toca a pessoa você percebe se é uma amizade, tipo, uma amizade que a

pessoa não define muito bem como amizade ou se existe um interesse sentimental com outra pessoa, mais amoroso” (Miguel).

Quando questionados sobre namorar ou “ficar”, os jovens mostraram preferência pelo namoro, pois este está relacionado ao estabelecimento de vínculo emocional com outra pessoa, principalmente pelo fato de poderem compartilhar momentos, pelo desejo de constituir uma família, e até mesmo por ter o perfil para namorar.

Dentre todos os participantes, somente Ágata diz que prefere “ficar”, pois está na universidade e as atividades acadêmicas a ocupam por muito tempo. Aqui também fica implícito o fato de que o “ficar” não exige muito tempo de dedicação ao relacionamento, enquanto que o namoro traz necessidades maiores de investimento.

“Namorar, por causa do meu jeito, eu gosto de ficar em casa, ter uma pessoa para compartilhar as coisas” (Lorena).

“Agora, nesse momento que eu estou de graduação, faculdade e é tudo novo, acho que o ficar porque eu também sou muito enrolada então de ter uma coisa fixa pra fazer. Eu já me enrolo sem namorar e só fazendo a graduação, então eu penso que namorar é uma coisa a mais que eu vou ter que pensar, então nesse momento só o ficar. Eu acho que é muita coisa” (Ágata).

“Namorar” (Estefânia).

“Não sei, depende do momento. O namoro desgasta em certo momento que você está dá atenção e aí, queria estar com meus amigos fazendo alguma coisa. Mas eu prefiro namorar mesmo” (Enzo).

“Eu prefiro namorar, eu sempre tive mais esse perfil de namorar. Hoje eu estou me dando o direito de viver uma vida de solteiro mais, eu acho que eu nunca me dei muito esse direito, eu acho uma coisa importante e tem sido importante para o meu amadurecimento e não tinha a dimensão de quanto isso era importante e hoje eu vejo que é muito bom. Hoje eu penso mais no futuro em ter uma família, ter uma pessoa mais fixa, então o meu perfil é mais namorar, o ficar é mais o movimento de conhecer a pessoa, talvez eu nunca pensei que o ficar é uma coisa numérica, muito descartável. Esse beija aqui e ali não faz muito sentido pra mim” (Nicolas).

“Namorar. Primeiro eu me considero meio velho, mas é uma coisa que chega um momento que você precisa de um vínculo emocional estabelecido. Tem dias que é foda, que as coisas não saem como você quer e você precisa ter alguém do seu lado, é uma questão de necessidade. Diferente de você estar com uma pessoa, estar ficando com alguém e a pessoa, ah meu dia foi foda hoje, depois a gente se fala, quando der a gente se fala. Mas hoje em dia eu percebo isso, essa aproximação sentimental te permite isso, de repente trocar experiências, trocar informações com o outro e poder se abrir e a outra pessoa poder falar com você” (Miguel).

Ainda sobre “ficar” e namorar, na opinião de Ágata, Estefânia e Enzo, os jovens na atualidade preferem “ficar”, pois proporciona maior liberdade, sem ter compromisso com a outra pessoa. Para Lorena, Nicolas e Miguel, acontece certa variedade, pois acreditam que há

jovens que preferem “ficar” e outros namorar, dependendo do momento e do interesse de cada um.

“Eu acho que não tem. Tem gente que prefere namorar, tem gente que prefere ficar. Na faculdade mesmo tem umas meninas que vão muito em festas e ficam e outras que namoram” (Lorena).

“Ficar. Eu acho que as pessoas agora não querem uma coisa fixa, elas querem aproveitar o máximo que a vida tem” (Ágata).

“Ficar. As que são solteiras elas preferem ficar. Acho que por questão de liberdade também de poder sair à hora que quer, poder ir aonde quer, e por não ter encontrado a pessoa certa ainda” (Estefânia).

“Ficar” (Enzo).

“Eles ficam, mas eu não sei se é uma preferência, é uma coisa da cultura, da sociedade, da geração, não sei se a galera vai muito ao impulso. O homem é bem numérico, a mulher tem ficado também, mas eu não compreendo muito bem a felicidade da mulher nesse monte de números. Eu tendo a achar que a mulher gosta de namorar, não sei isso está nela, mas a mulher gosta de namorar, então, eu não sei se a mulher tem essa preferência de ficar. Eu acho que ela fica e todo mundo fica, e ela acaba ficando com um e com outro também. Mas eu não sei se lá no fundo ela está muito feliz. Já o homem eu não sei dizer, mas o homem é numérico, na roda de amigos fiquei com dez, com doze, mas as mulheres estão assim agora então é difícil falar. Eu acho que tem gente que prefere ficar e tem gente que prefere namorar” (Nicolas).

“Eu não sei responder. No meu ciclo de amizade bem próximo, a maioria sempre namorou, ou eu conheci solteiro e menos de um ano namorou e está namorando até hoje ou eu já conheci namorando e estão namorando até hoje. Tiveram dois casos que estavam namorando e depois que terminaram, um eu sei que está solteiro e o outro eu perdi contato. No ciclo bem restrito eu sempre convivi com pessoas que namoram. Mas eu acho que dentro da população universitária é difícil falar, porque pelo papo você não percebe exatamente o que a pessoa faz, mas em festas é o minimamente esperado o que acontece é alguém ficar com alguém. Eu acho que hoje a preferência é variada, depende muito da perspectiva e experiência da pessoa. Existem pessoas que estão no momento que não querem se ligar a ninguém e eu só vou ficando com ele até quando der, até quando encher o saco e depois bola para frente” (Miguel).

Em relação aos locais onde ocorrem com frequência as ficadas, os jovens relatam com regularidade as festas universitárias e baladas, assim como lugares como parques, praças, casa de amigos ou na própria casa, na rua e em frente à escola.

“As festas, mas pode acontecer em outro lugar, na rua, no parque, na praça, na frente da escola” (Lorena).

“Sempre em festas, em casa de amigos, eu acho que é mais isso. Sempre um tema mais festivo assim. Só em festa mesmo” (Ágata).

“Festas” (Estefânia).

“Em festas, em casas de amigos e na rua mesmo, voltando da festa. Festa universitária principalmente” (Enzo).

“Ultimamente te sido mais na minha casa mesmo. Eu moro sozinho e convido a pessoa para assistir um filme, fazer alguma coisa junto e rola um espaço mais reservado de boa assim. Ultimamente tem sido mais isso mesmo, porque ultimamente não estou mais indo à balada e essas coisas assim eu não tenho feito isso. E mesmo quando eu vou não tem rolando, então, acho que tem sido mais minha casa, mas já fiquei em baladas quando era mais novo” (Nicolas).

“Era uma praça que tinha em [nome da cidade] que ela era em uma encosta de um moro, então sempre tinha uns banquinhos lá, eu não sei explicar, tipo uma jardineira que as plantas encobrem assim, mas era tudo detonado na época. Era só um lugar escuro que a gente tinha para poder ficar. Tinha o programa estabelecido, que era ir ao cinema que era quatro quarteirões dali e depois que terminava o filme todo mundo descia pra lá e tinha o cantinho” (Miguel).

A relação entre amor e sexo é visto pelos jovens como um comportamento que existe dentro de um relacionamento sério, a partir da existência de um vínculo emocional entre as pessoas. No entanto, o relato de Nicolas indica também que “pode sim existir sexo sem amor”.

“Eu não faria com uma pessoa que não gostasse” (Lorena).

“Pra mim precisa, mas hoje em dia não. Tem muitas pessoas pelo menos é o que eu ouço falar das festas, por exemplo, [nome da festa universitária] que as pessoas vão e ficam e não precisam ter amor para fazer sexo, fazem por fazer, porque querem e pronto acabou. Mesmo aqui nas festas as pessoas são assim. Pra algumas pessoas sim e pra outras não. Vai depender da mentalidade da pessoa” (Ágata).

“Sim, mesmo quando eu era solteira, eu sempre me guardei pra isso, pra pessoa certa” (Estefânia).

“Do mesmo jeito que não tenha pode ter também. Importante até é, mas em certo momento. Sim [existe uma relação]” (Enzo).

“Essa é uma questão que é muito difícil de responder por que eu acho que de uma maneira ou outra eu tenho pensado sobre isso, essa é uma grande discussão, e nos termos da sexualidade as pessoas sempre comentam sobre isso. Sobre a relação amor e sexo, se existe sexo sem amor e essas coisas. De uma maneira ou outra eu tenho pensado nisso e eu não sei o que dizer sobre isso. Mas eu acho que pode existir sim, sexo sem amor, e isso é uma coisa a ser discutida na sua relação. Se você está em relação com uma pessoa, as duas partes têm que está conversando e até para lidar com as expectativas de um e do outro, para não ter falsas expectativas, então eu acho que a comunicação é extremamente importante não só nesse sentido, mas em todos os sentidos da vida. Eu acho que pode sim existir sexo sem amor, e existe sexo com amor também, eu acho que pode existir. A relação dos dois seria, pode tanto existir amor com sexo e sexo sem amor” (Nicolas).

“Existe. No mínimo para você fazer sexo com uma pessoa você tem gostar dela, acho que isso é mesmo inegável. Mesmo dentro da questão do ficar, porque é difícil você definir, envolve sexo ou só beijo na balada. Tem que ter no mínimo uma identificação momentânea, saber o que vai acontecer ou não é particular de cada um. Então a gente não vive mais na década de trinta, cada um tem a liberdade para fazer o que quiser” (Miguel).

Quanto a manter relações sexuais no “ficar”, existe unanimidade entre o gênero feminino ao dizerem que não teriam relação sexual nessa relação, tampouco durante o

primeiro encontro. Entre os homens, Enzo relata que nunca teve, mas que teria relações sem problemas; Nicolas também teria; já Miguel, teria a partir do segundo ou terceiro encontro.

“Acho que teria sim, de repente conhecer uma pessoa, isso nunca aconteceu comigo, mas conhecer uma pessoa, a primeira vez, você beijou ela, aí se tiver muita sintonia, pintar o clima e rolar sexo, não vejo nenhum problema nisso. Acho que sim, tudo depende do clima, do que vai rolar, desenvolver a coisa, mas não vejo problema em acontecer isso” (Nicolas).

“O ficar de primeira noite acho que não. Acho que quando é estabelecido eu não vejo problema, mas você está falando de uma questão de trajetória, mas eu não consigo me identificar com esse comportamento. Pra mim não rola, eu acho que eu sou muito emotivo e se eu me identifico com uma pessoa eu quero levar alguma coisa pra frente, pra chegar a tal ponto. Diferente de tal frivolidade, mas cada um faz o que bem entende. Acho que ficando eu teria, mas em um primeiro encontro eu acho que muito dificilmente, só se rolasse uma química muito forte. Mas a partir de um segundo ou terceiro encontro eu não veria problema. Porque a relação do ficar pra mim é conhecer a outra pessoa” (Miguel).

Neste sentido, a pesquisa realizada por Reith (2002) também aponta que as jovens elegem os namorados como parceiros ideais e associam o sexo ao contexto de uma relação amorosa, e declararam que o “ficar” não envolve manter relações sexuais. Os rapazes por sua vez que já iniciaram a vida sexual disseram transar quando ficam e consideram inevitável na relação de namoro o casal manter relações sexuais. Segundo a autora, as jovens vinculam sexo e amor, ao namoro e os jovens buscam se afirmar por meio da experiência da sexualidade não supondo compromisso amoroso, isto é, namoro (Reith, 2002).

Em relação à fidelidade no relacionamento amoroso, a regularidade aparece quando os jovens dizem ser necessário em um relacionamento sério, o que não se exige no “ficar”.

“Relacionamento a sério tem sim, porque senão não é sério. [No ficar] não” (Lorena).

“Eu acho que é tudo, porque se a pessoa não tem confiança na outra acaba logo. E se ela quer que dure, vai ficar com a outra pessoa, acho que tem ser uma coisa muito importante. [No ficar] não, porque só vai ficar mesmo com a pessoa ali, depois você não vai ver ela ou vai ver, mas é uma coisa só pra ficar mesmo então acho que não” (Ágata).

“Acho que é tudo em um relacionamento porque se você não é fiel então você não tem que namorar e não existe amor nesse relacionamento, porque você nunca iria querer trair aquela pessoa em uma noite, uma pessoa que você pode ter pra todas as horas numa noite, eu não ia querer perder ela. [No ficar] eu acho que não porque você não está se comprometendo com uma pessoa só está querendo ela por uma noite. Dependo de como for esse prolongado, se a pessoa ela gostar da outra, e elas falarem, ah só fica entre nós e não fica aberto para outras pessoas” (Estefânia).

“Ah, se for pra ter namoro. O principal no relacionamento é a conversa. Não, é só ficar mesmo” (Enzo).

“Eu acho que tem ser uma coisa negociada, como eu já ouvi falar que a sexualidade é muito ampla, até no sentido de saber que tem gente que gosta de saber que foram traídas, pessoas que tem fetiches por isso. Então cada casal é um casal, eu acho que tudo tem que ser discutido e negociado no casal. Quando eu estou pensando nisso eu imagino que tenha comunicação entre as duas partes, pra saber o que cada um espera do outro, e dentro deste sentido se é negociável, a questão da fidelidade, então tudo é possível. [No ficar] é possível de ser negociado também, mas eu acho que o ficar é muito rápido, e não dá espaço para pensar a fidelidade, talvez. Ficada mais longa convém negociação, pra mim a sexualidade tem que ser negociada sobre qualquer aspecto” (Nicolas).

“Bom, o relacionamento amoroso envolve compromisso, eu acho que se você está se comprometendo em ficar com outra pessoa e acontecer de ter uma infidelidade, de acontecer de ter um caso com outra eu acho que não há motivo, se eu estou me comprometendo com você porque eu vou procurar outra pessoa. O sentimento que eu tenho com você não envolve sentimento, atração física, porque eu vou procurar isso com outras pessoas. Agora dentro do ficar não, se o ficar é justamente isso, você não se envolver emocionalmente com outra pessoa, você não tem nenhuma forma de compromisso com ela. Então não tem problema, não existe infidelidade de uma pessoa quando você está ficando” (Miguel).

No relato dos jovens, a fidelidade é vista como pertinente no contexto do relacionamento sério, o namoro, pois este se remete a um envolvimento emocional, a confiança e a permanecer com alguém durante longo período. Outra característica que se verifica é a negociação, como relata Nicolas; a fidelidade pode ser negociada pelo casal mesmo no “ficar”, mas o breve período de tempo pode não concretizá-la.

A partir da trajetória de vida dos jovens sobre sexualidade e educação sexual na família e escola, na relação amorosa, o “ficar”, serão abordadas as questões que permeiam essa trajetória e o *habitus* dos jovens na próxima seção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção sobre as relações afetivo-sexuais é muito particular e íntima de cada pessoa. Os jovens contribuíram expressivamente com a pesquisa ao retratarem os significados sobre a educação sexual nas trajetórias familiar e escolar, suas compreensões sobre sexualidade e educação sexual, assim como a vivência do “ficar” a partir de suas trajetórias de vida e do *habitus*.

Observa-se que todos os universitários são oriundos de famílias constituídas de pequenas fratrias com um ou dois irmãos. Segundo Bourdieu, as pequenas fratrias apresentam vantagens sobre as famílias numerosas, por conta, entre outras coisas, dos gastos que o número de filhos acarreta.

Na atualidade, apesar do acesso às informações ser mais rápido e proporcionar às pessoas maiores possibilidades de debate sobre temas que no passado eram pouco discutidos, é possível notar que discorrer sobre sexualidade ainda é embaraçoso e causa constrangimento para muitas famílias. Percebe-se a regularidade quando os jovens relatam que as instruções que receberam e recebem de suas famílias são pontuais e sempre relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis e à prevenção de gravidez.

A escola, assim como a família, é uma agência de socialização. No entanto, o que se percebe é que na prática a discussão da sexualidade se restringe ao currículo obrigatório das disciplinas de Ciências e Biologia, ou nas oficinas com alunos de universidades públicas quando estes se deslocam para o ambiente escolar. Aqui, nota-se a necessidade de ampliação dos debates sobre sexualidade em sala de aula, desde o ensino básico até o ensino superior, por meio do planejamento de atividades que visam à formação integral dos alunos, auxiliando e esclarecendo-os sobre importantes aspectos do desenvolvimento sexual.

Como retratado pelos jovens entrevistados, apesar do pouco contato com a sexualidade na escola e na universidade, o aprendizado foi relevante para o desenvolvimento pessoal de cada um deles. Ressalta-se, a pretensão dos jovens em abordar o tema em sala de aula com seus futuros alunos, sendo essa manifestação considerada um progresso na área. Além disso, possibilita-se aferir que quanto maior a compreensão e entendimento que a pessoa possui sobre sexualidade, mais fácil acontece a transmissão desse conhecimento. Para Bourdieu (2013):

[...] enquanto “força formadora de hábitos”, a escola propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tanto esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação, aos quais pode-se dar o nome de *habitus* cultivado. (Bourdieu, 2013, p.211).

Nota-se também que faz parte do *habitus* dos jovens conversarem sobre sexualidade no ambiente universitário. Os temas mais evocados são saúde sexual, troca de informações por meio de questionamentos sobre dúvidas e relacionamentos que estão vivenciando ou que já terminaram. Verifica-se diferença nos discursos dos jovens ao conversarem sobre o tema no ambiente universitário, pois as discussões são entre grupo de mulheres ou entre grupos de homens, não existindo troca de experiências entre ambos os gêneros.

Ao relatarem os significados de sexualidade e educação sexual, percebe-se nas descrições o capital cultural adquirido pelos jovens durante a trajetória escolar, pois fica evidente que os alunos do quarto ano de graduação detêm maior capital cultural e linguístico no momento de abordar o tema sexualidade e educação sexual.

Em específico sobre o “ficar”, e tendo em vista que a compreensão do mesmo está relacionada ao *habitus*, à trajetória de vida e às condições materiais de cada pessoa materializada no comportamento, as falas dos participantes evidenciaram que essa compreensão perpassa pela transmissão do capital cultural da família aos seus descendentes.

Apesar da vivência desse tipo de relacionamento ser individual, nas falas dos jovens percebe-se certa regularidade quando eles descrevem que o “ficar” é compreendido como um relacionamento sem vínculos e comprometimento, um momento de diversão, de beijar, ou até mesmo um estado de pré-namoro, onde se pode conhecer a outra pessoa; além disso, em alguns casos, o “ficar” pode se desenvolver e dar início a um relacionamento sério, o namoro, tendo em vista que os jovens se envolvem emocionalmente. Nota-se que o ato de beijar, apesar de ser considerado um contato próximo com a outra pessoa, atualmente não significa criar vínculos como já significou no passado.

O “ficar”, de acordo com os seis jovens entrevistados, caracteriza-se como um relacionamento vivenciado em curto prazo de tempo. A permanência com o mesmo ficante, este é muito variável, mas, segundo os entrevistados, tem duração de cerca de três meses. Na atualidade, muitos jovens e adultos não buscam relacionamentos estáveis, mas sim relacionamentos descompromissados, sendo reflexo, também, do estilo de vida da atual geração, demandada com as tarefas impostas pelos estudos e pelo trabalho, por exemplo.

Verifica-se que a vivência dessa relação é comum entre eles, e nota-se o fato do “ficar” se transformar em namoro. Além disso, a maior parte da amostra estudada revela

preferir o relacionamento do namoro e não do “ficar”, pois o primeiro está ligado ao estabelecimento de vínculo e sentimentos pelos parceiros, características ausentes no “ficar”. No entanto, quando questionados sobre a preferência do jovem entre essas duas relações, os entrevistados não demonstraram regularidade nas opiniões; esse dado indica que cada pessoa faz sua escolha de acordo com o momento que está vivendo.

Dentre as características necessárias do ficante percebe-se que apesar da beleza física ser considerada importante, o pretendente precisa, pelo menos, possuir capital cultural e linguístico. Essa condição demonstrou ser unanimemente indispensável. Acrescentando, destaca-se também o intermédio e/ou a ajuda de um amigo durante o processo do “ficar”, condição essa associada à insegurança em receber uma resposta negativa do pretendente no momento da paquera.

Em relação aos locais onde ocorrem com frequência as ficadas, os jovens destacam com regularidade as festas universitárias, ou seja, espaço comum frequentado pelo grupo social a que pertencem. As redes sociais surgem no discurso de todos os jovens quando há o interesse em manter contato com o ficante ou até mesmo o desenrolar de uma amizade. Devido ao avanço tecnológico, as redes sociais se tornaram um meio comum para conhecer novos amigos e futuros parceiros, assim como manter contato com o pretendente ou ficante, e conhecê-lo melhor pelas informações disponibilizadas.

Não existe regularidade na preferência dos participantes entre “ficar” com conhecidos ou desconhecidos, no entanto, “ficar” com conhecidos tende a ser mais fácil, pois para alguns nem sempre é fácil se envolver com alguém totalmente desconhecido.

Apesar de na atualidade as pessoas vivenciarem relações descompromissadas, o ideal de amor romântico ficou evidenciado nas falas do gênero feminino ao relatarem que não teriam relação sexual no “ficar”, ao contrário do que foi observado no gênero masculino.

Segundo Bourdieu:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 1999, p.17).

O vínculo entre amor e sexo se apresenta com regularidade tanto para o gênero feminino quanto para o gênero masculino. Os jovens relatam que para ter relação sexual é importante gostar e amar a outra pessoa. Esse posicionamento dos jovens está interligado ao fato de demonstrarem que não teriam relação sexual no “ficar”, em especial, o gênero

feminino.

A fidelidade perpassa pelas relações de amizade ou amorosa, e pode ser caracterizada de diferentes maneiras. Para os jovens, a fidelidade é um comportamento que está vinculado ao relacionamento sério, em contrapartida ao “ficar” que não envolve vínculos com o ficante.

Portanto, ao verificar se as características do “ficar” para os jovens se diferenciam daquelas dos adolescentes, conclui-se que alguns aspectos como ausência de fidelidade na relação, o “ficar” como um pré-namoro, a beleza como requisito para a escolha do ficante, a curta duração do relacionamento, o “ficar” com os integrantes do mesmo grupo social, a possibilidade de ter relação sexual, e a opção pelo namoro dos jovens permeiam também as vivências dos adolescentes como destacado por Chaves (1994), Stengel (2003), Jesus (2005), Justo (2005), entre outros.

Conclui-se, ao delinear a trajetória de vida dos jovens, a regularidade nas falas ao descreverem que a educação sexual se faz pouco presente na vida de cada um deles, tanto no seio familiar quanto na escola. Esses dados indicam a necessidade de ampliação dessa discussão nos dois ambientes e confirma os resultados de pesquisas sobre esse tema. Como alternativa, se propõe que a escola busque intensificar a realização de projetos voltados ao tema ou iniciar trabalhos que visem o desenvolvimento do aluno de modo global; dessa forma, se estabelece uma cooperação com os pais, agentes essenciais no desenvolvimento do processo de educação sexual. Esta parceria é relevante, pois é preciso esclarecer à família a importância da transmissão do conhecimento sobre sexualidade aos seus descendentes, e aproximar pais e filhos no estabelecimento de vínculos construtivos quando o assunto é sexualidade.

Por fim, é importante ressaltar que a trajetória de vida desses jovens exprime as disposições do *habitus*, princípio que estrutura suas práticas em relação ao “ficar”. Essas práticas demonstraram regularidade nas falas dos jovens nas trajetórias de educação sexual na família e na escola, bem como na compreensão e vivência do “ficar”, pois os agentes sociais provenientes de uma mesma fração de classe, com as mesmas condições materiais de existência e as mesmas ações práticas tendem a homogeneização do seu *habitus*, podendo ter semelhanças nos discursos.

REFERÊNCIAS

- Abeche, R. P. C., & Ferreira, A. G., Jr. (2010). “Ficando” sem ficar: A astúcia da indústria cultural. *Revista Psico*, 41(3), 340-345.
- Abramo, H. W. (2005). O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: M. V. de Freitas (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: Referências conceituais*. São Paulo: Ação educativa. Recuperado em 26 agosto, 2014, de <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>
- Affonso, L. A., & Ribeiro, P. R. M. (2006). O “ficar” e o “rolo”: Provocando o debate sobre as atitudes e relações afetivas dos jovens do final do século XX e início do século XXI. In: M. N. D. Figueiró & P. R. M. Ribeiro. *Adolescência em questão: Estudos sobre sexualidade* (pp.27-39). Araraquara: FCL – UNESP Laboratório Editorial. (Coleção Psicologia e Saúde; 2). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- Almeida, M. I. M. (2006). “Zoar” e “ficar”: Novos termos da sociabilidade jovem. In: M. I. M de Almeida & F. Eugenio (Org.). *Culturas jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Altmann, H. (2005). *Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Aquino, T. A. A. de, Gouveia, V. V., Patrício, K. S. C., Silva, M. G. S. da; Bezerra, J. L. M., Junior, V. B. S., & Neto, W. M. O. (2012). O amor entre jovens em tempos de *ficar*: Correlatos existenciais e demográficos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 112-125.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging Adulthood: A theory of development From the late Teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging Adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Assis, N. C. F. (2010). *Jovens e relacionamentos afetivos: Mediações psicossociais do amor em tempos do “ficar”*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO, Brasil.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. (M. H. Kühner, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2001). *Escritos da educação*. In: Nogueira, M. A., & Catani, A. (Org.). Rio de Janeiro: Vozes.

- Bourdieu, P. (2003). Esboço de uma teoria da prática. In: R. Ortiz. (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. (pp.39-72). São Paulo: Olho d'Água.
- Bourdieu, P. (2004). *Coisas ditas*. (C. R. da Silveira & D. M. Pegorim, Trad.). São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (2007). *Meditações pascalinas* (2a. ed.). (S. Miceli, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2010). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2011). *A distinção: Crítica social do julgamento* (2a ed.) (D. Kern & G. J. F. Teixeira, Trad.). Porto Alegre: Zouk; São Paulo: EDUSP.
- Bourdieu, P. (2013). *A economia das trocas simbólicas* (7a. ed.). In: S. Miceli. (Org.). São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2014). *Razões práticas: Sobre a teoria da ação* (11a ed.) (M. Corrêa, Trad.). Campinas, SP: Papirus.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. (M. L. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Brasil. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade, cultura e Orientação Sexual*. Brasília: MEC.
- Bruns, M. A. T. (2001). *Conversando sobre sexualidade: O jovem e o "ficar"*. São Paulo: Ômega.
- Bruns, M. A. T. (2010). O olhar do cotidiano e a perda da sensibilidade. In: M. A. T. Bruns, & S. Almeida. *Sexualidade: Preconceito, tabus, mitos e curiosidades* (pp.11-48). (Coleção sexualidade & vida; 2). Campinas, SP: Editora Átomo.
- Cabral, J. T. (1999). *A sexualidade no mundo ocidental*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). A iniciação sexual dos jovens. In: M.G. Castro, M. Abramovay, & L.M. Silva. *Juventudes e sexualidade* (pp. 66-126). Brasília, DF: UNESCO Brasil.
- Catani, A. M., & Gilioli, R. S. P. (2008). *Culturas juvenis: Múltiplos olhares*. (Coleção Paradidáticos, Série Cultura). São Paulo: Editora UNESP.
- Catonné, Jean-Philippe. (2001). *A sexualidade, ontem e hoje* (2a ed.). Cortez Editora.
- Cavalcanti, R. C. (1993). Educação sexual no Brasil e na América Latina. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, 4(2), 164-173.
- Comissão Econômica das Nações Unidas Para a América Latina (2004). *La juventud en Iberoamérica: Tendencias y urgências*. Santiago: CEPAL: OIJ. Recuperado em 27 agosto, 2014, de http://www.cepal.org/publicaciones/xml/6/20266/cepal_oij.pdf

- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Chaves, J. C. (1994). “Ficar com”: *Um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan.
- Figueiró, M. N. D. (2006a). *Educação sexual: Como ensinar no espaço da escola*. *Revista Linhas*, 7 (1). Recuperado em 21 maio, 2015, de <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323/1132>
- Figueiró, M. N. D. (2006b). “Ficar”: Reflexões a partir do que pensam alguns professores e alunos do ensino médio. In: M.N.D. Figueiró, & P.R.M. Ribeiro (Org.). *Adolescência em questão: Estudos sobre sexualidade*. (pp.41-73) Araraquara: FCL – UNESP Laboratório Editorial. (Coleção Psicologia e Saúde; 2). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- Figueiró, M. N. D. (2013). *Educação sexual no dia a dia*. Londrina: Eduel.
- Fiori, W. R. (1981). Modelo psicanalítico. In: C. Rappaport. *Psicologia do desenvolvimento: Conceitos fundamentais* (vol.1., cap.2., pp.11-50). São Paulo: Escuta.
- Freitas, C. (2012). A prática em Bourdieu. *Revista Científica FacMais*, 1(1), 5-22. Recuperado em 2 junho, 2013, de <http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2012/04/1.A-PR%C3%81TICA-EM-BOURDIEU-Celma-Freitas1.pdf>
- Garton, S. (2009). *História da Sexualidade. Da Antiguidade à Revolução Sexual*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gonini, F. A. C. (2006). *Representações sociais do ficar: Caminhos para compreender a violência no cotidiano escolar*. Dissertação de Mestrado, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Gregersen, E. (1983). *Práticas sexuais: A história da sexualidade humana*. (A. A. T. Serra & E. Ferreira, Trad.). São Paulo, Livraria Roca Ltda.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PENSE 2012*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Justo, J. S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia, UFF*, 17(1), 61-77, jan./jun. Recuperado em 2 maio, 2008, de <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05.pdf>
- Jesus, J. S. O. (2005). Ficar ou namorar: Um dilema juvenil. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 6(1), 67-73, jan./jun. Recuperado em 24 julho, 2013, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v6n1/v6n1a09.pdf>

- Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça.
- Leão, A. M. C. *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. 2009. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil.
- Louro, G. L. (2001). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (2a.ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Loyola, M. A. (1999). A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: M. L. Heiborn (Org.). *Sexualidade: O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: Princípios para ação. *Revista Doxa*, 15(1), 75-84.
- Maia, A. C. B. (2001). Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. *Revista brasileira educação especial [online]*, 07(1), 35-46. Recuperado em 18 março, 2013, de <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v07n01/v07n01a04.pdf>
- Matarazzo, M. H., & Manzin, R. (1988). *Educação sexual nas escolas*. São Paulo: Paulinas.
- Meirelles, T. (2011). *Pegar, ficar, namorar... Jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Muzzeti, L. R. (1997). *Trajetória Social, dote escolar e mercado matrimonial: Um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil.
- Nogueira, C. M. M., & Nogueira, M. A. (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições, (78), 15-36. *Educação & Sociedade*. Recuperado em 14 agosto, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>
- Nogueira, N. S., Zocca, A. R., Muzzeti, L. R., & Ribeiro, P. R. M. (2014). Relacionamento amoroso: Experiências afetivo-sexuais dos jovens na atualidade. *Revista Uniara*, 17(1), 127-134.
- Nunes, C. A. (2011). Política, sexualidade e educação. *Filosofia e Educação (Online)*, 3(2), 4-17. Recuperado em 18 março, 2013, de <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/view/2957/2626>.
- Oliveira, V. L. B de. (2009). Sexualidade no contexto contemporâneo: Um desafio aos educadores. In: M. N. D. Figueiró (Org.) *Educação sexual: Múltiplos temas, compromisso comum*. (pp. 173-189). Londrina, PR: UEL.
- Oliveira, D. C.de., Gomes, A. M. T., Marques, S. C., & Thiengo, M. A. (2007). “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(5), 497-502.

- Organização Mundial da Saúde. (1986). *Problemas de la salud de la adolescencia*. Informe de un comité de expertos de la O.M.S (Informe técnico n. 308). Genebra, Suíça: OMS.
- Rieth, F. Ficar e namorar. (1998). In: C. Bruschini, & H. Hollanda (Orgs.). *Horizontes plurais: Novos estudos de gênero no Brasil*. (pp.113-133). São Paulo: Ed. 34.
- Rieth, F. (2002). A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, 8, 77-93.
- Ribeiro, M. (2011). *Conversando com seu filho adolescente sobre sexo*. São Paulo: Editora Academia de Inteligência.
- Schuch, P. (2002). “Ficar” ou namorar: Eis a questão? Relações de gênero, afeto e corpo entre jovens universitários de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 1(3), 282-302. João Pessoa, GREM.
- Setton, M. G. J. (2002). A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, (20), pp. 60-70. Recuperado em 26 abril, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>
- Silva, S. P. (2002). Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. *Caderno Cedes Campinas*, 22(57), 23-43. Recuperado em 24 julho, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12001.pdf>
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33-45.
- Sousa, V. F. F., Nunes, M. L. S., & Machado, C. J. S. (2012). “Ficar é...”: Um código de relacionamento entre adolescentes. *Caderno Espaço Feminino*, 25(2), 136-157.
- Stengel, M. (2003). *Obsceno é falar de amor?: As relações afetivas dos adolescentes*. Belo Horizonte: PUC Minas.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Weingärtner, C. L., John, D., Bonamigo, L. R., & Goidanich, M. (1995). O ficar e o namoro visto pelos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8, 181-203.
- Werebe, M. J. G. (1998). *Sexualidade, política e educação*. Campinas, SP: Editora: Autores Associados.
- Wüsthof, R. (1998). *Descobrir o sexo* (9a ed.). (Série Jovem Hoje). São Paulo: Editora Afiliada.

Yela, C. (2006). The evaluation of love simplified version of the Scales for Yela' s Tetrangular model basead on Sternberg' s model. *European Journal of Psychological Assessment*, 22, 21-27.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Prezada aluna e prezado aluno, solicito a sua colaboração para a realização de uma pesquisa sobre o relacionamento amoroso, o “ficar”, respondendo às seguintes questões:

DIURNO () NOTURNO ()

Ano de ingresso no curso de Pedagogia da FCLAr _____

1. Idade: _____ anos.

1.1 Sexo: () M () F

1.2 Mês e ano de nascimento _____/_____

2. Você cursou o Ensino Fundamental:

() completo em escola pública () completo em escola particular

() parcialmente em escola pública () parcialmente em escola particular

2.1 Formação no Ensino Médio:

() completo em escola pública () completo em escola particular

() parcialmente em escola pública () parcialmente em escola particular

2.2 Você fez cursinho pré-vestibular? Não () Sim ()

2.2.1 Em caso positivo: () cursinho particular () cursinho comunitário e/ou popular

2.3 O curso de Pedagogia era sua primeira opção? Sim () Não ()

Qual era a sua primeira opção? _____

2.4. Você tentou obter a taxa de isenção para o vestibular da UNESP?

() Sim e não consegui () Sim e consegui () Não

2.5 Você tem alguma bolsa de estudo? () sim () não

3. Estado civil: () casado/a () solteiro/a () amasiada/o () divorciado/a

3.1 Filhos: () Sim () Não Em caso positivo: Número de: () meninos () meninas

4. Formação e atuação profissional dos pais:

a. Pai: grau de escolaridade:

profissão:

b. Mãe: grau de escolaridade:

profissão:

4.1 Qual era a profissão de seus avôs maternos e paternos?

a. Avô Paterno: _____

Avó Paterno: _____

b. Avô Materno: _____

Avó Materna: _____

5. Cidade onde reside _____

5.1 Você mora em (favor considerar residência de origem e não considerar república estudantil, moradia estudantil, etc.): residência própria () alugada ()

5.2 Quem reside em sua casa além de você? (Vínculo, idade, escolaridade e profissão. Exemplo: irmão, 25 anos, nível técnico, técnico em informática).

(.....anos,)

(.....anos,)

(.....anos,)

(.....anos,)

(.....anos,)

(.....anos,)

(.....anos,)

5.3 Renda familiar (soma da renda de todos que residem em sua casa):

() até R\$ 1.448,00 () de R\$ 2.896,00 a R\$ 3.620,00

() de R\$ 1.448,00 a R\$ 2.172,00 () de R\$ 3.620,00 a R\$ 4.344,00

() de R\$ 2.172,00 a R\$ 2.896,00 () mais de R\$ 4.344,00

5.4 Você exerce alguma atividade remunerada? () sim () não

6. A família costuma falar sobre religião? () não () sim

a) Qual a família segue: _____

b) Qual você pratica hoje: _____

7. Você possui experiência na área de educação? Não () Sim () Qual experiência?

() estágio docência

() atuando como professor no ensino infantil

() atuando como professor no ensino fundamental ou médio

() em projeto de extensão em sala de aula

() trabalhando como voluntário em instituição escolar, ONG ou projeto governamental.

() no meu trabalho atual ou em trabalhos anteriores, exercendo a atividade de _____

8. O que é a relação amorosa o “ficar” pra você?

8.1 Nos últimos 12 meses quantos “ficantes” você teve?

a. () Um (a) b. () Entre 2 e 5 c. () Entre 6 e 10 d. () Entre 11 e 15 e. () Mais de 15. Quantos? _____.

9. Você aceitaria conceder uma entrevista para auxiliar na pesquisa sobre a relação amorosa o “ficar”? Obs: sua identidade será preservada e os resultados serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa educacional. () Sim () Não

Tel. para contato: _____ ou e-mail _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Você teve aulas e/ou oficinas sobre educação sexual no ensino básico, fundamental ou médio?
2. Em caso positivo na questão anterior, qual a importância dessas aulas para o seu desenvolvimento pessoal?
3. Você teve aulas de educação sexual na licenciatura?
4. Se a resposta da pergunta anterior for sim, qual a importância dessas aulas para o seu desenvolvimento como professor (a)?
5. Pretende aplicar esse conhecimento nos seus futuros alunos?
6. Como é falar sobre sexualidade na sua casa? O que era falado? E como era falado?
7. Como é falado sobre sexualidade na universidade? (Pelos alunos)
8. Você recebia de sua família instruções sobre educação sexual? Quem lhe explicava?
9. O que você compreende por sexualidade?
10. O que você compreende por educação sexual?
11. O que é o relacionamento amoroso “ficar” pra você?
12. Você “fica” ou “ficava”? Com qual frequência?
13. Quando você fica com alguém e acha legal, você costuma fazer o que?
14. É mais fácil “ficar” com conhecidos ou desconhecidos?
15. Quanto tempo você “fica” ou “ficou” com a mesma pessoa?
16. Quando você ficou com uma pessoa, já ocorreu desse relacionamento se transformar em namoro? Se positivo, quanto tempo durou?
17. Como você escolhe a pessoa com quem vai “ficar”?
18. Como acontece a conquista ou paquera com o “ficante”?
19. Você prefere “ficar” ou namorar?
20. O jovem adulto na atualidade prefere “ficar” ou namorar?
21. Quais são os locais onde ocorrem com frequência as “ficadas”?
22. Você acredita que há relação entre amor e sexo? Qual relação?
23. Você teria relação sexual no “ficar”? E no primeiro encontro?
24. O que você pensa sobre a fidelidade no relacionamento amoroso? E no “ficar”?
25. Tem algo que queira dizer que não foi colocado?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Natália Souza Nogueira é aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Campus Araraquara. Na condição de pesquisadora, com interesse em coletar dados sobre estudantes de Pedagogia, realizará entrevistas com alunos e alunas do curso.

Sua participação na pesquisa é voluntária, havendo liberdade para não responder perguntas e desistir da entrevista quando quiser. A entrevista terá duração média de 90 minutos, será gravada em áudio e a pesquisadora seguirá um roteiro, ouvindo, anotando e gravando as respostas. Suas respostas poderão ser utilizadas na publicação dos resultados, mas sua identificação será mantida em sigilo absoluto.

Os dados serão utilizados estritamente para fins educacionais. Sua participação contribuirá para ampliar o conhecimento existente sobre a relação amorosa, o “ficar”, entre os jovens adultos universitários na atualidade.

A sua autorização neste Consentimento Livre e Esclarecido será concedida mediante o preenchimento de seu nome e assinatura.

Eu,.....
....., concordo em participar voluntariamente da pesquisa de Natália Souza Nogueira. Declaro que li e entendi todas as informações referentes ao estudo e que todas as minhas dúvidas e perguntas foram adequadamente respondidas.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço eletrônico do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Natália Souza Nogueira
Mestranda em Educação Sexual da FCL – UNESP – Araraquara

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Araraquara, _____ de _____ de 2014.

Assinatura

APÊNDICE D

Tabela 1 - Percurso escolar dos universitários do curso de Pedagogia

Ensino Fundamental/ Ensino Médio	Estudantes do Período Diurno	Estudantes do Período Noturno	Total
Público/Público	29	30	59
Público/Privado	3	2	5
Privado/Privado	8	5	13
Privado/Público	2	-	2
Pública/Parcial Privado	1	1	2
Parcial Privado/Pública	1	-	1
Pública/Parcial Pública	-	1	1
Parcial Pública/Pública	-	1	1
Privado/Parcial Pública	-	1	1

Fonte: Dados do autor

APÊNDICE E

Tabela 2 - Escolaridade dos pais dos universitários

Escolaridade	Pais	Mães
Analfabeto	1	1
Ensino Fundamental Incompleto	23	20
Ensino Fundamental	10	11
Ensino Médio Incompleto	2	6
Ensino Médio	24	24
Ensino Técnico	5	4
Ensino Superior Incompleto	1	4
Ensino Superior	11	9
Sem resposta	8	6
Total	85	85

APÊNDICE F

Tabela 3 - Renda Familiar dos Estudantes

Renda Familiar Mensal*	Universitários do Diurno	Universitários do Noturno	Total
Até R\$ 1.448,00	15	5	20
De R\$ 1.448,00 a R\$ 2.172,00	9	18	27
De R\$ 2.172,00 a R\$ 2.896,00	4	7	11
De R\$ 2.896,00 a R\$ 3.620,00	7	3	10
De R\$ 3.620,00 a R\$ 4.344,00	4	5	9
Mais de R\$ 4.344,00	5	3	8

*Salário mínimo vigente: R\$ 724,00

Fonte: Dados do autor

APÊNDICE G

Tabela 4 - Religião que o jovem pratica

Religiões	Universitários do Diurno	Universitários do Noturno	Total
Adventista	2	-	3
Assembleia de Deus	-	1	1
Ateísmo	1	-	1
Catolicismo	24	15	39
Catolicismo e Espiritismo	1	-	1
Cristianismo	1	1	2
Cristã	1	1	2
Congregação Cristã do Brasil	1	-	1
Espiritismo	3	2	5
Evangélica	2	9	11
Pentecostal	1	-	1
Presbiteriana	1	-	1
Protestante	1	2	3
Xamanismo	-	3	3
Nenhuma	4	3	7
Não respondeu	1	4	5

Fonte: Dados do autor

APÊNDICE H

Tabela 5 - Quantos “ficantes” os universitários tiveram nos últimos 12 meses

“Ficantes”	Universitários do Diurno	Universitários do Noturno	Total
Um	21	22	43
Entre 2 e 5	12	5	17
Entre 6 e 10	2	-	2
Entre 11 e 15	1	-	1
Mais de 15	3	-	3
Nenhum	2	10	12
Não respondeu	3	4	7

Fonte: Dados do autor